

1 de Fevereiro 2021
Segunda-feira
Semanário - Ano 5
Nº 244
Director-Geral
Evaristo Mulaza



EXERCÍCIO DE 2020
**Importações
marítimas
disparam 25%
no III trimestre**

Pág. 6

GOVERNADOR DO BNA PRESSIONA BANCA

Banqueiros desvalorizam em 'off' críticas de Massano

Pág. 8



CONFLITO ACCIONISTA

Mercury, Geni, PTV e Vidatel à espera de mais decisões arbitrais

JUSTIÇA. Após a confirmação da condenação da Mercury, Vidatel e Geni a pagarem 662 milhões USD à PT Ventures, fontes que acompanham o processo asseguram que ainda há dois recursos a decorrerem no ICC, em Paris. Pág. 9

EXCLUSIVO

Receitas da Unitel abaixo dos mil milhões USD



ENTREVISTA. Director-geral da maior empresa de telecomunicações do país admite, ao VALOR, que 2020 foi um ano "bom", apesar da pandemia e da persistente perda do valor do kwanza. Miguel Gerald revela, no entanto, que as receitas ficaram de 2,6 mil milhões, em 2014, para menos de mil milhões actualmente. Págs. 4 e 5

OPINIÃO

Ana Branco, Assurance Financial Services

Os novos desafios de 2020 para as instituições financeiras

Pág. 16

Editorial

O POLÍTICO MASSANO

José de Lima Massano não está, seguramente, numa situação fácil. O governador do BNA ultrapassou uma certa fronteira que, por princípio ou por decoro, limita as intervenções públicas de qualquer regulador de mercados a um espaço mais técnico do que político. Com as críticas dirigidas à banca na última semana, pela forma e pelo conteúdo, Massano juntou-se formalmente ao Executivo. E passou a integrar a lista informal de ministros que histórica e habitualmente, sem qualquer sentido auto-crítico, bate na banca como a grande culpada pelo encolhimento do sector privado. No fundo, puxou da cartola o político Massano. E uma das frases a que fez recurso não poderia ser mais confirmativa e enfática: “Não queremos ter um sistema financeiro desligado da realidade da nossa economia”. Uma precisão, desde logo, impõe-se. No contexto em que pro-

feriu essas palavras, a referência ao sistema financeiro está despropositadamente elástica, porque o alvo era concreto: o sector bancário. E mais particularmente todos ou alguns dos grandes bancos.

Mas, além do realismo da conjuntura económica, as críticas de Massano à banca são também problemáticas no sentido em que levantam desassossegos que lhe tocam de forma íntima. O governador do BNA, não sendo dos mais antigos, é dos mais experimentados e qualificados banqueiros do país. Esteve duas vezes à frente do BAI, de onde saiu interpoladamente para liderar o BNA. Poucos saberão, portanto, como ele o quanto a actual conjuntura eleva o risco de crédito a níveis indecifráveis. Precisamente, por isso, Massano sabe que o seu lado de banqueiro torceu o nariz quando ouviu o seu lado de governador do BNA. Ou melhor, o seu lado de político. Seguramente, não é um conflito fácil de gerir e os seus colegas grandes banqueiros só lhe podem oferecer compreensão. ...

Ao lado do desassossego íntimo, a conjuntura económica também faz da pressão de Massano à banca um problema. E os números oficiais compilados pelo próprio BNA são inequívocos. O relatório de estabilidade financeira do BNA, que reporta o primeiro semestre de 2019, nota que o malparado aumentou, em termos homólogos, 51,73% para os 1,53 biliões de kwanzas. E o rácio do crédito vencido sobre o crédito total superou a fasquia dos 35%, mais de um terço. E mais: as empresas privadas reclamavam 87,6% do total do malparado. Números que, na melhor das hipóteses, se terão mantido nos semestres subsequentes, face à deterioração do já fragilizado contexto económico, em 2020.

E porque não parece que o objectivo seja a criação de novos BPCs e BCIs, como alerta em ‘off’ um grande banqueiro, o BNA tem de encontrar caminhos mais realistas para forçar o crédito. Mas, para isso, é preciso que o político Massano não se substitua ao governador do BNA.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuessa
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Colaboradores: Cândido Mendes, EY e Mário Paiva
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N° de Contribuinte: 5401180721
N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola; 222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS...



MIGUEL SEBASTIÃO,
Porta-voz do Sindicato dos Médicos

Qual é a sua opinião sobre o cancelamento da Junta Médica?

Primeiro é preciso saber que a Junta Médica ajuda muita gente na resolução de situações de saúde que não tem resposta no país. Para se tomar uma medida como esta, seria bom criar primeiro as condições técnicas e humanas no país, como é o caso da construção de grandes centros de hemodialise, porque é o que levava muita gente para exterior.

Recentemente foram inaugurados alguns, certo?

Em Angola não há só problemas renais, há outros problemas que fazem as pessoas ir para o exterior em busca de serviços médicos. Há outras doenças crónicas que muitas vezes obrigam as pessoas a deslocar-se para o exterior em Junta Médica ou por conta própria. Para se tomar esta medida tínhamos que ver se, no país, já temos respostas para as doenças que obrigam o Governo a dar uma junta médica.

Mas muitos não voltam depois de tratados. O que lhe parece?

Quero apelar aos beneficiários que não regressaram ao país para não prejudicarem os outros. Reconheço que não temos condições de saúde adequadas, não temos hospitais criados para se dar a devida resposta nas situações em que são necessários tratamentos diferenciados, por isso há muitos angolanos que serão prejudicados por essa medida.

26

TERÇA-FEIRA

A Administração Geral Tributária cria uma ferramenta denominada 'Simulador Tributário' para o cálculo do Imposto Predial (IP) por parte dos contribuintes.

27

QUARTA-FEIRA

A Assembleia Nacional aprova a Conta Geral do Estado referente ao exercício de 2018. A sessão foi marcada pela apresentação de declarações políticas por parte dos grupos com apresentação parlamentar.

28

QUINTA-FEIRA

Banco Nacional de Angola anuncia que vai lançar a nota de 5.000 kwanzas da série 2020, no dia 4 de Fevereiro, assinalando a data de celebração do Início da Luta Armada de Libertação Nacional.



SEGUNDA-FEIRA

Magistrados judiciais e do Ministério Público denunciam que estão em situação de "quase mendicidade" devido à perda de poder de compra e de "cortes injustificados" de regalias, pedindo a "atualização urgente" dos salários.

29

SEXTA-FEIRA

Governador do Banco Nacional de Angola, José de Lima Massano, critica os bancos por recusarem conceder créditos, mesmo depois da publicação do aviso do banco central, em Abril, que os obriga a prestar o serviço, sob determinadas condições.



30

SÁBADO

Empresa construtora do Pólo de Desenvolvimento Diamantífero de Saurimo, na Lunda-Sul, anuncia que as obras terminam em Julho do corrente ano.



31

DOMINGO

Empresária Isabel dos Santos é retirada, pela revista Forbes, da lista dos bilionários de África, na sequência da queda da fortuna de 2,2 para 0,6 mil milhões de dólares, segundo contas da publicação.



COTAÇÃO



PETRÓLEO SEGUE ANIMADO...

O petróleo começou a semana com ganhos acima dos 2%, apoiados pela redução dos stocks da commodity nos Estados Unidos. O Brent, referência às exportações angolanas, negociou a 56,35 dólares, obtendo ganhos de 2,4%, enquanto o WTI teve ganhos de 2,6%, ao negociar 53,55 dólares.



OURO EM QUEDA...

Em sentido contrário esteve o ouro. O mineral caiu 0,65%, ao negociar as entregas para Abril a 1.862,40 dólares por onça troy. Já a prata negociou as entregas para Março a 29,175 dólares por onça troy, registando ganhos de 8,40%. O cobre para entrega no mesmo período registou ganhos de 0,12%, ao negociar 3,5518 dólares por libra-peso.

Entrevista

MIGUEL GERALDES, DIRECTOR-GERAL DA UNITEL

“Das receitas de 2,6 mil milhões USD, em 2014, hoje nem a mil milhões conseguimos chegar”

Director-geral da Unitel coloca a operadora entre as mais desenvolvidas de África “a nível de conhecimento tecnológico” e de infra-estrutura. Miguel Geraldes assegura que 2020 foi um ano bom, apesar da depreciação da moeda, mas admite uma queda acentuada de receitas.



Por Suely de Mello

Como foi 2020 para a Unitel? Foi um ano altamente desafiante, em que a imprevisibilidade acabou por aparecer. Mas, no meio disso tudo, posso concluir que foi um ano em que conseguimos atingir os grandes

objectivos. Diria que foi um ano que até acabou por ser bastante positivo, trouxe-nos grandes desafios os quais vencemos.

Traduzindo em números...

Os números ainda não podem ser divulgados, ainda não temos a contabilidade fechada, ainda não foi auditada nem apresentada à assembleia-geral, mas posso dizer que, diante de tudo o que apareceu, conseguimos, de facto, cumprir o que tínhamos como desígnio.

O ano passado também ficou marcado pelos vários aumentos das tarifas das operadoras, paradoxalmente nunca se questionou tanto a qualidade da rede das mesmas, em particular da Unitel. Como se pode entender esse contraste? Nós fomos em contra-ciclo. Além de não terem reflectido o aumento da inflação, ainda conseguimos, de certa maneira, baixar os preços, especialmente nos preços dos dados, até porque fomos impactados com um acordo que tivemos com o Governo em oferecer

o chamado 'pacote covid-19'. Este pacote ofereceu 350 milhões de minutos para todos. Esses minutos não foram cobrados e, como tal, tivemos esse impacto na receita, mas penso que foi a decisão correcta.

A Unitel perdeu com a oferta desse pacote?

Deixou de ganhar, mas obviamente não podíamos ganhar porque era um pacote gratuito para todos que aderissem ao pacote. Foi um ano em que mudámos dras-

ticamente a nossa oferta, introduzimos os primeiros pacotes integrados que a Unitel não tinha no mercado, em que, numa subscrição, se consegue comprar minutos SMS e megabytes já incluídos para um, três e sete dias. Portanto, o preço por cada utilização mudou drasticamente. Achámos que havia ali uma oportunidade de a Unitel ir em contra-ciclo relativamente à inflação e ter resultados vindos da chamada elasticidade e por isso acho que foi um ano positivo.

“ Não teríamos de discutir se devia ser partilhada ou não, poderemos discutir o preço da partilha. E as discussões que temos com o Inacom é o custo da partilha, porque a Unitel investiu cinco mil milhões de dólares na infra-estrutura que tem. ”



3.204

Número de trabalhadores da Unitel

5

Mil milhões de dólares, investimento da Unitel em infra-estruturas

PERFIL

Formado em Administração e Gestão de Empresas, Miguel Geraldes é diretor-geral da Unitel desde Maio de 2019. Até então foi representante dos chineses da Huawei na África do Sul, mas antes foi, por 9 anos, diretor-geral da Mobile Telecommunications (MTC) Namibia. Entrou na operadora de telecomunicações namibiana através da Portugal Telecom, quando a empresa portuguesa comprou em 2006 uma participação de 34% do capital social da MTC.



mesmo número, mas não houve despedimentos. Foi um ano de algumas fatalidades, alguns dos nossos colegas faleceram, muito poucos felizmente, portanto o número já não é igual. Acabámos por ter também alguns processos disciplinares, mas não foi por necessidade de fazer ajustamentos devido à pandemia.

E recrutamentos?

Em 2020, não tivemos recrutamentos.

A pandemia terá trazido alguma vantagem para as operadoras móveis, uma vez que muitas empresas tiveram de forçadamente recorrer mais à internet para o teletrabalho?

É verdade, mas o que se tem visto basicamente no mundo todo é que houve sempre parcerias com os governos para que fossem oferecidos serviços com o custo bem mais reduzido para que as pessoas tivessem acessibilidade. Tivemos de dar todos estes pacotes gratuitamente e houve muito mais procura do serviço. Tivemos de entregar o serviço de uma forma gratuita.

Está, há sensivelmente dois anos como director da Unitel, no entanto já vem de uma larga experiência nas telecomunicações em África. Como avalia o sector em

impactou-nos, portanto temos uma dimensão diferente.

E quais foram os grandes desafios na gestão de uma empresa como a Unitel?

O meu desafio foi fazer face a este impacto. Estamos a reposicionar a Unitel, garantindo que continuamos com a mesma fonte de trabalho, o desafio está aí.

Quando entrou na Unitel disse que pretendia ter uma transição suave. Assim foi?

Obrigada pela recordação. Acho que sim. Dois anos depois, posso dizer que a transição foi bem suave.

Os últimos dois anos ficaram marcados por desentendimentos entre accionistas da Unitel. Não prejudicou o desempenho da empresa?

Eu separaria a questão accionista pelo facto de estar na representação da gestão e a gestão não se pronuncia sobre as questões accionistas.

Como vê a medida que obriga a partilha de infra-estruturas com os novos 'players', uma vez que a Unitel investiu nelas?

Faz parte da nossa concessão, ela foi baseada numa lei e nessa lei já estava definido que haveria essa partilha. Não teríamos de discutir se devia ser partilhada ou não, poderemos discutir o preço da partilha. E as discussões que temos com o Inacom é o custo da partilha, porque a Unitel investiu cinco mil milhões de dólares na infra-estrutura que tem e, obviamente, iremos lutar para que o acesso a terceiras partes sobre a nossa infra-estrutura seja um custo justo e que ajude também a recompensa do investimento que a Unitel fez.

Quais são as perspectivas para este ano?

As perspectivas são sempre positivas, se não desistíamos e abandonávamos. Este ano será melhor do que 2020, é a grande perspectiva que temos. Temos muitas perspectivas de negócio, muitas coisas que vamos fazer este ano.

Pode adiantar?

Vamos entrar na área da 'mobile money', que é um complemento e não uma competição na área bancária. Estou muito convicto que vamos lançar o 5G e, com isso, vamos trazer novos serviços. É um ano que temos muita expectativa de o conseguir.

Como é que as operadoras de telefonia, e em particular a Unitel, têm feito a gestão da falta de divisas da desvalorização da moeda?

O acesso à divisa não é um desafio só das operadoras de telecomunicações, mas de todas as entidades angolanas e especialmente as que têm de comprar equipamentos fora e, como tal, têm de ter acesso a essas divisas. Obviamente há o desafio de um dólar, em 2014, valer 100 kwanzas e hoje estar para cima dos 600 kwanzas. O grande desafio que temos é o facto de cobrarmos as receitas em kwanzas, o que tem um impacto nas nossas contas, já que a aquisição é muito grande. No último ano e meio, a acessibilidade à divisa esteve bem, melhor que anteriormente, portanto não era uma questão de não haver acessibilidade, era o facto de a cotação ser muito elevada. Mesmo assim, a Unitel teve um valor muito grande sobre o investimento em divisas para fazer o aumento da rede.

Que medidas tiveram de tomar para se adaptarem à nova realidade que a pandemia causou à Unitel? Houve a necessidade de se fazer corte de pessoal?

Apesar de o primeiro registo da

pandemia, em Angola, ter-se dado em Abril, a Unitel, já em Fevereiro, fez um plano de como entrar em teletrabalho. Preparámos muito o plano, identificámos as pessoas que não podiam estar em teletrabalho e as que podiam. Identificámos as que tinham recursos e, no dia em que decidimos implementar, foi simples porque estávamos preparados, portanto não tivemos impactos na operação. Este é um facto que gostava de deixar claro: foi um desafio que superámos e vencemos. Por outro lado, tínhamos um plano de crescimento de receitas que não conseguimos alcançar pela oferta do 'pacote covid' que obviamente teve um impacto no crescimento de receita, deixando os nossos resultados muito mais apertados. Mas a Unitel conseguiu o grande objectivo de manter toda a força laboral, não houve qualquer despedimento. A Unitel tinha 3204 pessoas antes de entrarmos em pandemia, hoje temos quase o

O acesso à divisa não é um desafio só das operadoras de telecomunicações, mas de todas as entidades angolanas e especialmente as que têm de comprar equipamentos fora.

Vamos entrar na área da 'mobile money', que é um complemento e não uma competição na área bancária.

Angola, comparativamente aos países por onde passou?

A infra-estrutura cá está muito mais bem desenvolvida que a maior parte dos países por onde passei e a Unitel, a nível de conhecimento tecnológico, é talvez das mais desenvolvidas. O grande desafio que a Unitel teve foi a depreciação do kwanza. De receitas estimadas em 2,6 mil milhões de dólares, em 2014, hoje nem a mil milhões de dólares conseguimos chegar. Não é que em kwanzas não tenhamos crescido, mas a depreciação de facto

Economia/Política

ARROZ LIDERA LISTA DAS COMPRAS

Importações marítimas aumentam 25%

COMÉRCIO INTERNACIONAL. Porto de Luanda foi o mais movimentado. China e Brasil foram os países que mais venderam para Angola

Por Isabel Dinis

As importações marítimas, no terceiro trimestre do ano passado, registaram um aumento de 25% face ao período homólogo do ano anterior. Foram importadas, no total, 1,6 milhões de toneladas de carga diversa.

Dados do Conselho Nacional de Carregadores (CNC), a que o VALOR teve acesso, indicam ainda que as 10 mercadorias no topo da lista das cargas mais transportadas representam mais de 35% das compras.

O arroz, que foi o produto mais comprado neste período, representou 7% e os açúcares de cana ou de beterraba, 4%. Seguiram-se carnes de animal bovino e frescas, móveis, ladrilhos e lajes para pavimentação, todos com 3% do total das importações. Os produtos hortícolas representaram 2%,

assim como carnes e os medicamentos, trigo com centeio e carnes e miudezas.

Cada um dos produtos no 'top 10' registou uma variação positiva de importação face ao período homólogo anterior. Com exceções para as carnes, trigo e miudezas.

PORTO DE LUANDA LIDERA
O Porto de Luanda voltou a ser o mais movimentado deste trimestre. Foi desembarcada 88% da carga que totalizou 1,4 milhões de toneladas diversas. O Porto do Lobito recebeu 9%, o que representa 140 mil toneladas, do total da carga, número acima do 1%, reclamado pelo Porto de Cabinda, ou seja, cerca de 29 mil toneladas. Já o Porto do Namibe desembarcou cerca de 16 mil toneladas, mais de três vezes acima dos números do Porto do Soyo fixados em 4.800 toneladas.

A China, Brasil, Itália, Portugal e a Índia foram os países que mais venderam para Angola, representando mais de 40% da origem da carga que entrou no país.



Até Setembro de 2020 foram importadas 1,6 toneladas de carga diversa



34ª SESSÃO DO COFI

Angola no comité de pescas da Fao

A secretária de Estado das Pescas, Esperança Costa, apresentou, nesta segunda-feira, na 34ª Sessão do Comité de Pesca (COFI), que decorre em Roma (Itália), a posição de Angola sobre a situação, tendências, problemas emergentes e respostas inovadoras, para garantir que a actividade piscatória e a aquicultura sejam sustentáveis.

Os dados revelam que no mundo, desde 1990, o consumo de peixe aumentou cerca de 122%. Cerca de 97% das pessoas que dependem da pesca para a sua subsistência vivem em países em desenvolvimento. As mulheres representam cerca de 50% dos trabalhadores envolvidos em actividades das pescas, sendo a aquicultura e a maricultura os sub-sectores de crescimento mais rápido da indústria global de alimentos e desempenham um papel crítico no atendimento à crescente demanda dos consumidores de pescado.

Excluindo as plantas aquáticas, a produção da aquicultura aumentou 527%, também desde 1990. O peixe é um dos alimentos mais comercializados internacionalmente, tendo o seu valor total de exportação sido fixado, em 2018, em 165 mil milhões de dólares.

Os cinco principais mercados por toneladas



China
204.267



Brasil
163.202



Itália
149.803



Portugal
87.985



Índia
73.064

A PRODUÇÃO ANUAL DE PESCADO, dos últimos anos, ronda entre as 300 e 400 mil toneladas, das quais 30% resultam da pesca artesanal marítima. Segundo a secretária de Estado das Pescas, Esperança Costa, o sector artesanal licencia anualmente cerca de 6.000 embarcações e emprega 50 mil pescadores, geralmente organizados em cooperativas.

ESTIAGEM PROVOCOU PREJUÍZOS NA ORDEM DOS 50%

Prodesi não salva produtores agrícolas

AGRICULTURA. Grito de socorro dirigido às autoridades surge de todos os cantos. Há já quem ameace não regressar à actividade, se não houver apoios do Governo. E não falta quem considere o Prodesi “um fracasso”.



agora acesso ao financiamento, enquanto 18 cooperativas aguardam há quase um ano. “Com este cenário, infelizmente negativo, é necessário que os apoios sejam redobrados não apenas na linha da mecanização e de aquisição de sementes e fertilizantes, mas também é necessário que sejam feitos investimentos nos meios de rega para ultrapassar situações de género [pequenas ou grandes estiagens].”

Nas variadas culturas da região, os produtores que tiveram alguma ‘sorte’ conseguiram colher pouco menos de 40% de feijão 65% de milho.

CENTRO E NORTE SEM ESPERANÇA

O clima no seio dos produtores do Huambo e Malanje não é de esperança. Segundo Cidália Gomes, directora da Adra no Huambo, já começa a fazer-se sentir uma crise alimentar na região. “Há famílias a passarem fome nas comunidades. As autoridades têm de andar nas comunidades”, alerta.

Nem metade das principais colheitas, com destaque para o milho e feijão, foi colhida, e cita, como exemplo, a ‘desgraça’ de um produtor que plantou cinco hectares de feijão. A perspectiva “era de colher uma média de seis toneladas, infelizmente, acabou por colher apenas 600 quilos”.

Já em Malanje, as contas são também com os “gastos avultados” realizados na presente campanha. A preparação de um hectare chegou a custar 85 mil kwanzas, ao contrário da campanha anterior, em que ficou pelos 65 mil kwanzas. Já a semente de feijão de 16 quilos custou 25 mil kwanzas, o mesmo valor por que eram adquiridos 50 quilos no exercício anterior. Os produtores garantem que não regressam à actividade, caso não surjam apoios, perante as “enormes perdas”.

Por Guilherme Francisco

A campanha agrícola 2020-2021 está totalmente comprometida em todo o país devido à falta de chuva. Nas regiões do Norte, centro e Sul, a Adra estima os prejuízos, até finais de Janeiro, em mais de 50% face ao que estava perspectivado em termos de produção, fásquia que tende a aumentar pela falta de alternativas sustentáveis de irrigação dos campos agrícolas diante da estiagem.

Em consequência disso, quase nada foi colhido na primeira fase, muitos produtores mostram-se impossibilitados de continuar por falta de verbas para a segunda época que

agora começa.

Simeone Justino, director da Adra na região sul, explica que, fruto do impacto, na zona, a mais afectada pela estiagem, existem produtores sem condições financeiras para a aquisição de sementes, fertilizantes e outros elementos fundamentais à produção. E deixa claro que não terão como devolver o empréstimo financeiro. No entanto, aponta o dedo ao Executivo pela “incapacidade de criar políticas que incentivam realmente a produção nacional”, citando o Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição das Importações (Prodesi) como “um fracasso.”

“A Huíla, Cunene e o Namibe são províncias que representam uma boa parte do celeiro do país. Ao estarem comprometidas, afectam os programas do Executivo, como é o Prodesi. Logicamente, o programa estará afectado porque estão a dar ver-

MEMORIZE

- **Em Malange** regista-se aumento considerável com os custos da campanha agrícola. Este ano um hectare chegou a custar cerca de 85 mil contra os 65 mil Kwanzas da campanha 2019/2020. A semente de feijão passou a custar 3 vezes mais.

bas aos produtores numa perspectiva de financiar e alimentar o nosso mercado. Certamente não será efectivado, porque os produtores vão apresentar a questão da seca”, explica, sugerindo mudanças de estratégia.

“Precisamos de estruturar bem as políticas de financiamento à agricultura. A actividade agrícola, na maior parte dos casos, é considerada de risco por ter uma dependência quase total dos fenómenos naturais. Por

essa razão é que estes financiamentos devem ter outras acções que visam proteger a produção. Do que vamos colher hoje, o financiamento tinha de começar cinco anos antes, não podemos pensar que caiu um financiamento este ano e o resultado é já o próximo ano, os factores de produção não estão sob nosso controlo”, observa.

Outrossim, defende a necessidade de o Governo criar soluções mais sustentáveis na região sul, afectada por seca cíclica. Sugere que se ponha fim aos tradicionais furos, uma vez que “vão apenas agredir o subsolo e esgotar o lençol freático”.

A falta de apoio real aos produtores no âmbito do Prodesi é também uma queixa de Mariana Moita, responsável da Adra em Malanje. A ausência, refere, agravou de tal modo a situação que, a nível da província, somente uma “ínfima parte de fazendeiros” teve até

Mercados & Negócios

Governador do BNA alerta para a necessidade dos bancos adaptarem-se à realidade do País



Mário Mujitas © VE

REACÇÃO ÀS CRÍTICAS DO GOVERNADOR DO BNA

Banqueiros acusam Massano de falar na condição de político

CRÉDITO. Críticas do governador do BNA dirigidas à banca são desvalorizadas por banqueiros consultados pelo VALOR. Gestores do topo de alguns dos principais bancos alertam que contexto económico não permite “aventuras” no crédito e não têm dúvidas de que Massano “sabe disso”.

Por César Silveira

A temática do crédito promete continuar a não reunir consenso entre o Banco Nacional de Angola e os bancos comerciais, considerando a recente reclamação do governador José de Lima Massano e a reacção, ao VALOR, mas, em ‘off’, de alguns bancários que insistem na tese de não existir condições para a cedência de mais créditos.

“O que podemos garantir é que nós não deixámos de dar crédito por má vontade e acredito que o mesmo aconteça com os nossos colegas. O governador sabe qual é a situação actual da economia e das empresas, estão com muitas dificuldades para conseguir manter os negócios e os

bancos têm de se proteger”, argumentou o CEO de um dos maiores bancos de Angola, que exigiu o anonimato, face “à sensibilidade” do tema. “A não ser que querem que surjam mais BCIs, mais BPCs e mais Caps”, acrescentou, fazendo referência ao histórico de falência destas instituições públicas como consequência do crédito malparado.

“Estão a insistir com os bancos quando sabem que, se os bancos atenderem a esta pressão, podem falir, a não ser que queiram mesmo acelerar a falência dos bancos”, defendeu, também sob anonimato, um administrador executivo de outra instituição. “Está-se perante um nó que todos devem lutar para desatar e não procurarem-se culpados”, criticou, acusando de seguida José Massano de falar na condição de político. “Nesta condição, tem de falar aquilo que o povo pretende ouvir”, sentencia.

José Massano criticou, na sexta-feira, os bancos comerciais pelas restrições na concessão de crédito, salientando ser “difícil compreender” que bancos comerciais de grande dimensão não consigam identificar, em um ano, 20 ou 25 projectos de crédito. “Algo não vai bem, porque as empresas estão aí, estão a funcionar e com algum apoio podem dar outro salto”, referiu.

Massano notou que o BNA tem apelado para a “responsabilidade” tanto para os bancos como para que solicite o crédito, salientando que “não se pode assumir que todas as empresas e gestores não são sérios”, visto que muitas, “neste contexto mais difícil, têm sabido dar cartas”. O governador do BNA, entretanto, garante que os bancos, no encontro com o Banco Central, nunca dizem que preferem “levar multa”. “Dizem é que estão preocupados e que também estão

6,4

Mil milhões de Kwanzas, volume de crédito disponibilizado pelo BIC no âmbito do aviso 10/2020.

activamente à procura destes projectos” para financiar.

BANCOS DESRESPEITAM OBRIGAÇÃO DE INFORMAÇÃO

Grande parte dos bancos desrespeitou a obrigação de “publicação de informação” prevista no Aviso 10/2020 do Banco Nacional de Angola sobre a concessão de cré-

dito e que entrou em vigor em Abril de 2020. O aviso determina que os bancos devem publicar, no prazo de 30 dias da entrada em vigor do documento, no seu sítio institucional na internet, o valor total acumulado do crédito concedido até à data, ao abrigo do Aviso 10/2020, assim como dos avisos 4/2019 e 7/2019.

No entanto, no leque dos seis maiores bancos, apenas dois têm a referida informação disponível. Trata-se do StandardBank Angola que, entretanto, só tem disponível informação sobre o crédito à luz do aviso 10/2020, sendo que o reporte é de 30 de Outubro. Até então, a instituição disponibilizou 39,5 mil milhões de kwanzas.

A outra instituição é o banco BIC que, até 31 de Dezembro, disponibilizou mais de 64,5 mil milhões de kwanzas à luz do aviso 10/2020, enquanto, ao abrigo dos avisos 4 e 7 de 2019, disponibilizou mais de 36,1 mil milhões de kwanzas.

O BANCO NACIONAL de Angola (BNA) abriu um inquérito às Pequenas e Médias Empresas (PME) com o objectivo de obter informações sobre o impacto da pandemia da covid-19 na actividade produtiva e comercial. O inquérito a decorrer no seu site visa auxiliar na tomada de medidas.

DECISÃO DO TRIBUNAL ARBITRAL SOBRE A UNITEL

Sonangol admite condenação dos três accionistas e indemnização solidária à PTV

CONFLITO. Fonte que acompanha o processo garante, no entanto, que a Mercury, a Vidatel e a Geni não terão mais de pagar a indemnização referente ao não pagamento dos dividendos, já que a PTV terá recebido 1,1 mil milhão de dólares em 2018. Mais processos de arbitragem estão em curso.

Por César Silveira

A Sonangol confirma que as três accionistas da Unitel (Vidatel, Geny e Mercury) foram condenadas a pagar indemnizações à PTV e não apenas a Vidatel como ficou subentendido no comunicado que a petrolífera distribuiu, na semana passada, sobre a decisão do Tribunal Arbitral de Paris.

“O Tribunal Arbitral proferiu sentença que condenou as três demandadas (Vidatel, Mercury e Geni) a pagar, solidariamente, à demandante PTV um valor total de compensação correspondente, aproximadamente, a 662 milhões de dólares, mais juros”, explicou a petrolífera ao VALOR que questionou sobre a referência apenas à Vidatel no comunicado, quando a sentença consultada cita as três empresas. “A referência à Vidatel justifica-se na medida em que, con-

forme é informação pública, a PTV promoveu a execução da sentença arbitral contra a Vidatel junto dos Tribunais das Ilhas Virgens Britânicas, local onde a empresa foi constituída”, acrescentou a petrolífera.

No entanto, a Sonangol acrescenta que, na prática, relativamente à indemnização devido aos dividendos não pagos pela Unitel à PTV, a responsabilidade dos três accionistas se reduz “proporcionalmente”, conforme a Unitel proceder ao pagamento à PTV dos dividendos que foram objecto da condenação. Outra fonte que acompanha o processo explica que isso significa que os três accionistas não terão mais de pagar a parte referente à reclamação pelos dividendos. “O valor correspondente a indemnização por dividendos não pagos era de 307 milhões de dólares, que já não será pago, pois a PTV já recebeu 1,1 mil milhão de dólares em dividendos pelo que está integralmente pago”, reforçou.

O CERNE DO PROCESSO

O processo em causa diz respeito a uma decisão, de Fevereiro de 2019, da Câmara de Comércio Interna-



Accionistas da Unitel devem conhecer nova decisão arbitral em Março de 2022

cional (CCI) que decidiu, a favor da PTV, uma indemnização global no valor de 662 milhões de dólares. O referido valor estava repartido entre 339,4 milhões, referentes à indemnização pela perda de valor das acções da PTV na Unitel, em resultado de diferentes violações do Acordo Parassocial e 307 milhões, relativa à indemnização pelos dividendos não pagos pela Unitel à PTV.

Os outros accionistas foram ainda condenados a pagar solidariamente 1 milhão de dólares correspondente às despesas administrativas com a CCI e honorários e despesas do tribunal arbitral, bem como 14 milhões concernentes a outros custos e despesas legais.

Entretanto, a accionista Vidatel interpôs uma acção no Tribunal de Paris não sobre a sentença, mas sobre

o facto de o tribunal de arbitragem não ter sido “correctamente composto”, já que um dos árbitros brasileiros era advogado da OI (então proprietária da PTV). “O Tribunal de Paris julgou que, apesar de ser advogado da OI, podia ser árbitro independente, declarando que a decisão tomada pelos árbitros era válida. É com base nesta declaração que a Sonangol fez agora o comunicado”, explicou fonte da Vidatel, sugerindo que a Sonangol “mentiu propositadamente no comunicado para ‘queimar’ Isabel dos Santos na opinião pública”

MAIS SENTENÇAS

O VALOR apurou, entretanto, que ainda existem duas arbitragens a decorrer, em Paris, sobre a decisão da Câmara de Comércio Internacional (CCI) de Fevereiro de 2019. Uma delas tem que ver com a então decisão de os accionistas pagarem uma indemnização de 339,4 milhões de dólares pela reclamação da PTV de ter perdido em 2006 o direito de nomear o número que lhe cabia de administradores, tendo passado a nomear apenas um, quando o acordo inicial de 2000 lhe dava o direito de nomear três. Ou seja, em 2000, o acordo era de a PTV nomear três administradores, ao passo que a Geni, a Mercury e a Vidatel deveriam nomear, em conjunto, apenas dois.

Em 2006, o acordo foi alterado para que cada um dos quatro accionistas passasse a nomear um administrador e o quinto administrador passaria a ser independente. No entanto, em 2014, quando a PTV foi adquirida pela brasileira OI, reclamou uma indemnização por ter perdido em 2006 o direito de nomear os três administradores. O tribunal resolveu compensar a perda desse direito pelo valor de 339,4 milhões de dólares a serem pagos em conjunto pelos três accionistas: Geni, Mercury, Vidatel. Mas, em 2018, a PTV voltou a nomear três administradores e, como tal, a Vidatel acredita que a PTV perdeu o direito de receber a referida indemnização. “Há um novo tribunal a decidir se a compensação de 339,4 milhões ainda está em vigor ou não. Essa decisão será proferida em Março de 2022”, explicou fonte familiar ao processo.

A Sonangol, entretanto, adquiriu, em Janeiro de 2020, a PTV à brasileira Oi, num negócio avaliado em mil milhões de dólares, tendo, sequencialmente, reforçado a sua posição indirecta na Unitel, agora com 50% da operadora móvel.

Mercados & Negócios

ESTADOS UNIDOS E CHINA NA MIRA

Café Tumbwaza já pensa na exportação

Com o foco já virado para a exportação, o director executivo da Calumona, o ex-jornalista Gilberto Bengui, pretende levar o café aos mercados dos EUA, China e outros países da Ásia. Com contactos já firmados para o café ser exportado, Bengui adianta que falta apenas terminar o processo “burocrático” em Angola. A iniciativa surgiu da vontade de ver as ‘terras do bago vermelho’, como é chamado o Uíge, também com uma marca no mercado, acompanhando outras províncias com produtoras de café. Para chegar aos EUA, Gilberto Bengui sabe que vai encontrar “barreiras” por causa do rígido processo de controlo de qualidade do que é importado. E, como explica, a produção de café em Angola ainda não cumpre os requisitos mínimos, com “a grande dificuldade” a começar na recolha. O café no país ainda é recolhido e atirado para o chão, sendo que a secagem é feita ao sol, num processo normalmente vetado pelos EUA. “Já tinha estabelecido contactos com os EUA antes de a marca

ser registada no ano passado. E o controlo lá é mesmo rígido. Eu vivi sete anos nos EUA e conheço bem o país”, admite. A empresa pretende produzir café em cápsulas e em pacotes de 250 gramas, apostando, como experiência-piloto, na produção de 300 mil cápsulas, em 25 mil caixas. A partir de Junho, planeia produzir 100 mil cápsulas anuais, já com a fábrica própria em funcionamento. Os contactos com os principais supermercados do país também já estão firmados, garante Gilberto Bengui. Os pacotes estão previstos ao preço de fábrica, 1.500 kwanzas, valor que o próprio empresário considera “mais alto” que o das marcas de café que já estão no mercado. Mas conta com a qualidade “por ser um produto 100% natural”.

DIFICULDADES QUE TRAZEM “RESILIÊNCIA”
As principais dificuldades, desde que Gilberto Bengui decidiu apostar no Tumbwaza, passam pela “burocracia exigida pelas instituições públicas” até à falta de material. O primeiro desafio foi encontrar um produtor de embalagens para o café, que, “infelizmente”, não encontrou e a solução encontrou-a em Portugal.

Outras das dificuldades são os impostos que, muitas “vezes, dão dores de cabeça” e a “desorganização” das cooperativas onde adquirem o café.

Gilberto Bengui acredita, por exemplo, que projectos como o seu, criados com fundos próprios, deviam merecer determinados incentivos fiscais. Mas também sabe que “o sistema está montado” e é com ele que tem de trabalhar. “Das dificuldades que temos encontrado já estávamos à espera. Desde as burocracias às dificuldades mínimas. Tem sido uma aventura. Tem sido desafiante e fantástico ao mesmo tempo. Estou sempre no escritório. Não paramos. Mas viemos para ficar”, garante.

INVESTIMENTOS ATÉ 600 MILHÕES

Para a primeira fase, a empresa já investiu, com capitais próprios sem recurso à banca, 60 milhões de kwanzas. Ao todo, poderá chegar aos 600 milhões de kwanzas. Este investimento vai incluir a construção de uma fábrica, formação de pessoal, compra de equipamentos, entre outras despesas.

Por Isabel Dinis



COM RECURSO AO PEFA

Fly regressa com certificação própria

Depois de vários anos a trabalhar como prestadora de serviços de outras companhias, devido à falta de um certificado de operação (COA) próprio, a companhia aérea Fly Angola foi certificada em Dezembro pelo Instituto Nacional da Aviação Civil (Inavic).

Assim, a transportadora aérea começou a operar imediatamente, mas ainda de maneira tímida, os voos ainda no final do ano passado com seu único Embraer ERJ-145 (registrado D2-FDF), agora pintado com as suas cores, após um período de manutenção na Europa.

A AeroJet era a principal parceira técnica da Fly Angola que aproveitou a paragem forçada pela pandemia desde Março de 2020 para acele-

rar o processo de certificação, segundo o gerente-geral Belarnício Muangala, citado pela Forbes.

A empresa tem perspectivas de reforçar a frota com mais um Embraer ERJ-145 e um turboélice BEM, contudo, apesar de o investimento continuar viável, o plano foi temporariamente suspenso devido às dificuldades de concretização. “O maior desafio é o acesso a financiamento a custos razoáveis em Angola”, lamenta o gestor.

A companhia começou a operar em Dezembro de 2018 com ligações para Luena, Dundo, Saurimo, Lubango e Catumbela, a partir de Luanda. O avião de 50 assentos da Fly Angola era operado pela Aerojet Transportes Aéreos SA, que conta com uma licença de navegação aérea e actua no mercado há 20 anos.



Várias soluções num único serviço

O futuro é agora

OFFICE KIT

Office Voz
Office Net
Office VPN
Office VPBX

Linha de Apoio
a Empresas

19 300

www.unitel.ao

 **UNITEL**
EMPRESAS

DE JURE

E 15 ANOS DE LICENCIATURA EM DIREITO

Lei exige 10 anos de experiência a juízes do TC

REFORMA. Para o membro da Comissão da Reforma da Justiça, Raul Araújo, alteração de 15 para 10 anos de experiência deve-se a questões políticas.



Por Redação

Os juízes conselheiros do Tribunal Constitucional devem ter no mínimo 35 anos de idade, 15 anos de licenciatura em Direito e 10 de experiência judicial.

A exigência está prevista na Proposta de Lei Orgânica e Funcionamento do Tribunal Constitucional que está a ser analisada desde segunda-feira, na especialidade, pelos deputados.

Os parlamentares aprovaram, por unanimidade, os primeiros três capítulos e 33 artigos, dos 149, sistematizados por 11 Capítulos e 17 secções.

A presente proposta actualiza o regime de organização e funcionamento do Tribunal Constitucional,

conformando-a com a Constituição aprovada em 2010.

Reorganiza o âmbito das competências do Tribunal Constitucional, com destaque para as de apreciação da regularidade e validade das eleições autárquicas, a legalidade da formação das coligações e grupos de cidadãos eleitores concorrentes às eleições autárquicas, bem como declaração de extinção dos partidos políticos.

De igual modo, julga os recursos relativos a perda, substituição, suspensão e renúncia do mandato nas Assembleias das Autarquias.

A proposta de Lei desenvolve igualmente a matéria referente ao Estatuto dos Magistrados do Tribunal Constitucional, com realce para o Estatuto Remuneratório, Regime de Reforma, Juízes Conselheiros do Tribunal Constitucional, o Regime Disciplinar e o Regime financeiro do Tribunal Constitucional.

Reflecte a experiência adquirida

ao longo dos 12 anos de existência do Tribunal Constitucional e tem como objectivo melhorar a organização, funcionamento e desempenho, assim como esbater as dificuldades de relacionamento existentes no processo de diálogo institucional entre o Tribunal Constitucional e a jurisdição comum, com particular destaque para o Tribunal Supremo.

Ao intervir na sessão, o membro da Comissão da Reforma da Justiça, Raul Araújo, explicou que a alteração de 15 para 10 anos de experiência deve-se a questões políticas.

“Dez anos de experiência profissional é muito pouco, apesar da norma não violar o plasmado na Constituição da República de Angola”.

Chamou a atenção para os critérios a serem definidos para este tribunal superior, pois devem a posterior ser conformados com as outras instâncias do mesmo nível (Tribunal Supremo e Tribunal de Contas).

Entretanto, o deputado da Unita, Maurilio Luyele, considerou de inconstitucional a limitação de 70 anos de idade para os juízes conselheiros deste tribunal superior, ao invés dos sete anos de mandato.

Para o deputado, esta medida irá fazer com que alguns juízes, actualmente no activo, não consigam terminar o seu mandato, uma vez que irão atingir a idade limite antes dos sete anos de funcionamento nesta instância judicial.



NA HUÍLA

PGR investiga gestores públicos

Pelo menos 49 processos relacionados a crimes económicos, com destaque para peculato, corrupção activa, passiva e branqueamento de capitais, que envolvem 197 gestores públicos estão em instrução preparatória na Procuradoria-geral da República (PGR) na Huíla.

Comparativamente a 2019, a PGR registou um decréscimo de 20 processos relacionados a crimes financeiros.

Os 49 processos fazem parte de um global de 197 e 10 inquéritos, que estão em instrução há mais de um ano, de ilícitos cometidos antes e depois de 2015.

A informação foi avançada esta segunda-feira, à Angop, no Lubango, pelo procurador provincial, Gabriel Custódio, declarando que os gestores estão ligados à administração local do Estado, gabinetes pro-

vinciais da saúde, educação, juventude e desportos, cultura e turismo, energia e águas.

Estão ainda a ser investigados individualidades ligadas ao sector da justiça nos serviços de conservatória e notariado, repartições e administrações municipais, Polícia Nacional, empresas e institutos públicos.

Os visados são indiciados nos crimes de associação criminosa, participação económica em negócios, violação das normas de execução orçamental, tráfico de influências, falsificação de documentos, recebimento indevido de vantagens, fraude fiscal e abuso de confiança.

Os processos fazem parte de um global de 72.476 que transitaram para este ano, em fase de instrução preparatória, dos quais 23.505 com arguidos presos e soltos e 48.917 de arguidos não presos, correspondentes a 56.036 arguidos.

A NOVELA BOLSISTA GAMESTOP

Wall Street ‘invadida’ por jovens estremece e paga milhões



REVOLUÇÃO Um movimento ‘à Robin Wood’ tira milhões a fundos de investimento que apostam na falência de empresas como a GameStop e a AMC gerando dividendos para uma nova geração de investidores jovens que seguem campanhas online e que embolsam milhões de USD.

Por Redação

Tudo começou quando um grupo de investidores em bolsa da nova geração, investidores de tempos livres em novas plataformas de apostas em mercados bolsistas como a Reddit, coordenou uma campanha de investimento em ações de uma companhia, a GameStop, em que os grandes fundos (os tubarões de Wall Street) haviam apostado (através da compra de ações a descoberto) que iria perder todo o valor. A campanha, contra a expectativa dos veteranos de Wall Street, resultou numa valorização de 1700% das ações da GameStop (há um ano custavam 4 USD, hoje custam 200 USD), uma rede de lojas que comercializa jogos de consola.

Como a aposta na perda de valor das ações saiu gorada, as

firmas que apostaram no que seria a falência da Gamestop e que compraram ações a descoberto, tiveram de pagar esse descoberto e perderam nisso muitos milhões assim transferidos para quem foi investindo na direcção contrária e cobrou a valorização.

No ano passado a Melvin Capital, uma das mais reputadas firmas de gestão de fundos de investimento valorizou 52% para uns impressionantes 8 mil milhões de USD. Este ano, graças a comunidades online como a Reddit, que decidiu apostar em bolsa contra as apostas de firmas multimilionárias como a Melvin, o fundo de investimento já perdeu 53%, cerca de 4,5 mil milhões de USD.

Porque a valorização das ações foi artificial, realizada através de campanhas online, as autoridades que fiscalizam a actividade bolsista foram chamadas a intervir e a compra e venda das

ações da GameStop foram suspensas em algumas plataformas. A Reddit popularizou-se como uma plataforma que se foca em virar do avesso as apostas a descoberto dos grandes fundos de investimento, numa investida que dizem de democratização dos ganhos de Wall Street e numa forma de canalizar milhões de USD que normalmente enchem as carteiras dos gestores veteranos, para os jovens anónimos que aparecem agora a desafiarlos. E não fica pela GameStop. A cadeia de cinemas AMC, condenada pela pandemia à asfixiante ausência de clientes, foi alvo de uma campanha online com o hashtag SaveAMC no Twitter, e viu o stock da empresa disparar 200% com as apostas nestas plataformas tipo Reddit, Robinhood e WallStreetBets que dão acesso gratuito a investimentos que antigamente eram só do domínio de

traders especialistas e de bancos. Milhões de jovens têm aderido e trocado as voltas aos veteranos de Wall Street, incentivados por figuras como Elon Musk que escreveu na sua conta do Twitter “Gamestonk” e aumentou substancialmente o interesse no tema. A plataforma WallStreetBets, que tem mais de 2 milhões de seguidores, fala em “obrigar os ‘fat cats’ (gatos gordos) de Wall Street a trabalharem para ganhar o seu sustento em vez de se encherem com a desgraça de empresas que custaram a construir.

Esta valorização artificial em bolsa terá um limite, que é o valor real das empresas que estão em risco de falência. No entanto até esse limite chegar, a lição aos fundos de investimento e aos traders em geral é a necessidade de acompanharem as tendências jovens e de reduzirem a exposição a apostas a descoberto.

(In)formalizando



PROGRAMA QUER MASSIFICAR EMPREENDEDORISMO FAMILIAR

Kwenda vai distribuir mais de 15 mil milhões kz até ao fim do ano

O programa de transferência social monetária 'Kwenda' deverá atingir, este ano, 300 mil agregados familiares em situação de vulnerabilidade no país, prevenindo-se gastos de 15,3 mil milhões de kwanzas.

Cada família terá direito a 25.500 kwanzas por trimestre e, para acelerar as transferências, novos contratos foram assinados com os bancos Millennium Atlântico e Sol, depois do BFA. Nas regiões sem a presença dos três operadores bancários, o programa conta

com a parceria da Unitel. "Cada família beneficia de um telemóvel 'laranja' e um cartão SIM, atribuídos pelo Kwenda. Trimestralmente, são transferidos 25.500 kwanzas em UTT que depois, através de um agente local e devidamente autorizado, são convertidos em dinheiro vivo", explicam os gestores do programa.

Até ao fim de Janeiro, o Kwenda cadastrou cerca de 377.451 agregados familiares em 24 municípios de 17 províncias.

Além da transferência social monetária cuja duração é de um ano, o programa con-

11

ONGs estão em negociações com o FAS para elaboração e implementação dos projectos

templa a inclusão produtiva que visa dar autonomia financeira às famílias carenciadas. Abarca as áreas de agricultura e pecuária, pesca e operações de processamento pós-captura, artesanato, turismo

rural, ambiental e cultural, transformação de produtos agro-pecuários, fundos comunitários autogeridos e caixas comunitárias e energias renováveis.

O Fundo de Apoio Social, instituição encarregada pela gestão do programa, está em negociação com 11 ONG para a elaboração e implementação dos projectos específicos de carácter produtivo junto das famílias e comunidades.

O programa está avaliado em 420 milhões de dólares, 320 milhões dos quais financiados pelo Banco Mundial e os outros 100 milhões provenientes do Tesouro Nacional.

EMPREENDEDORISMO

MEP incentiva criação e formalização de cooperativas

Com vista a incentivar o empreendedorismo, sobretudo na camada juvenil, o Ministério da Economia e Planeamento (MEP), através do Instituto Nacional de Apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas (Inapem) criou o 'Promove', projecto de modernização das cooperativas que passa a ter presença activa no formato digital.

A intenção do MEP é conferir maior competência de gestão "às cooperativas e aos membros", além de aumentar as ligações das cooperativas com os bancos e os mercados, de forma a proporcionar financiamento que se enquadra em cada cooperativa.

Cada cooperativa será acompanhada por um mentor que se responsabilizará por auxiliar a formalização das actividades juntamente com especialistas em contabilidade, estudos de viabilidade e apoio à gestão das empresas.

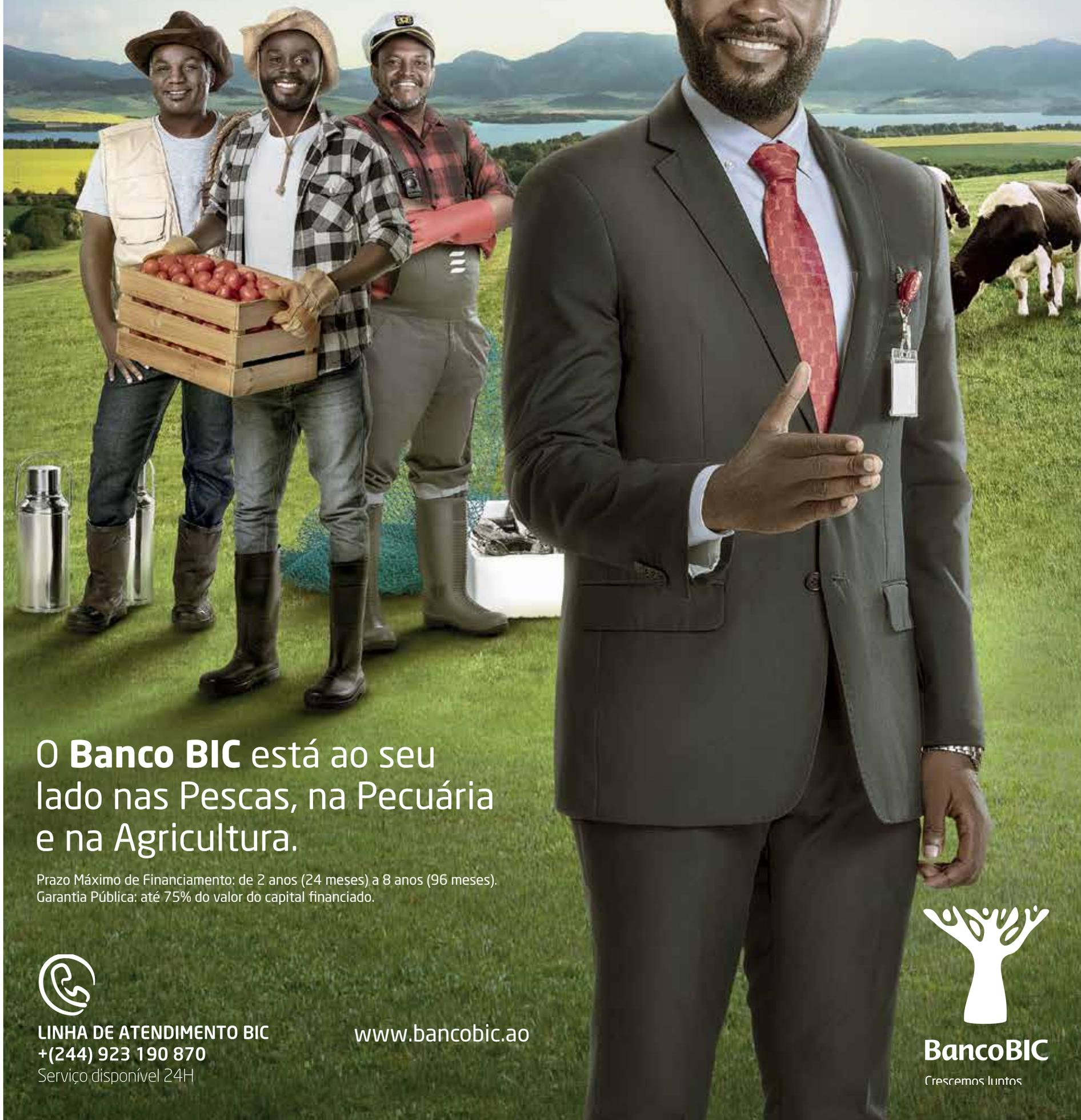
Segundo o MEP, plataforma será tornada pública a 08 de Fevereiro do corrente ano. Uma semana depois, começará a fazer-se o acompanhamento minucioso das primeiras cooperativas catalogadas no projecto.





15
anos

**PRODUZIMOS JUNTOS,
CRESCEMOS JUNTOS.**



**O Banco BIC está ao seu
lado nas Pescas, na Pecuária
e na Agricultura.**

Prazo Máximo de Financiamento: de 2 anos (24 meses) a 8 anos (96 meses).
Garantia Pública: até 75% do valor do capital financiado.



LINHA DE ATENDIMENTO BIC
+(244) 923 190 870
Serviço disponível 24H

www.bancobic.ao



BancoBIC
Crescemos Juntos

Um primeiro objectivo ousado para o governo Biden seria estabelecer uma data-limite para acabar com a ajuda externa dos EUA a África, com o objectivo de substituir os instrumentos politizados de ajuda bilateral.

Um roteiro africano para Biden



Célestin Monga,
Antigo director
da ONU para o
Desenvolvimento
Industrial

Nas últimas décadas, a relação entre os EUA e África desiludiu ambos os lados. Os presidentes republicanos e democratas dos EUA trataram o continente com uma negligência afável, ou até mesmo com total desprezo, e, como esperado, os EUA ficaram para trás em relação à China, Índia e França em termos de comércio geral com África.

Embora Barack Obama, o primeiro presidente negro dos EUA, tenha lançado a modesta iniciativa 'Power Africa', as suas quatro viagens a África são principalmente lembradas pelas conferências sobre "boa governação". E isso vindo de um governo que fez vista grossa aos autocratas em países que acolhiam bases militares dos EUA e, em seguida, uniu forças com o presidente francês Nicolas Sarkozy numa intervenção militar mal orientada e dispendiosa na Líbia. As consequências para o Sahel e além foram catastróficas.

Depois veio Donald Trump, que nem sequer considerava África como um destino que valesse a pena visitar. Os seus insultos racistas sobre o continente ("países de merda") confirmaram esse desdém e não serão esquecidos ou perdoados tão cedo. É verdade que a administração de Trump reconheceu que a estabilidade, prosperidade, independência e segurança duradouras em África são do interesse nacional dos EUA. Mas as suas promessas de aumentar os laços de trocas e comerciais e de combater o terrorismo islâmico não se concretizaram. Em vez disso, a administração transformou a política comercial numa arma ao suspender o estatuto de isenção de impostos para algumas exporta-



ções africanas sob a Lei do Crescimento e Oportunidades para África dos EUA, em retaliação contra o Ruanda pelos esforços para proteger a indústria do vestuário.

Agora, a chegada do governo do presidente Joe Biden oferece uma oportunidade para reacender o relacionamento entre os EUA e África. Normalmente, articular uma estratégia para África não é uma prioridade máxima para os novos presidentes norte-americanos. Joe Biden assumiu o cargo numa altura de temores globais intensificados em relação à covid-19, incerteza económica contínua e profunda divisão geopolítica. E, por sua vez, África está a sofrer o pior desempenho económico de uma geração, preparando o cenário para uma miséria persistente, agitação social e conflitos violentos no futuro.

No entanto, a profundidade destes problemas torna este o momento perfeito para iniciativas ousadas. Indubitavelmente, África – uma região dinâmica com grande resiliência, grandes aspirações, recursos abundantes, criatividade sem limites e muitas ideias – não deveria depender de nenhuma potência estrangeira para o futuro político e económico. O rastilho da prosperidade e paz tem de ser acedido no interior do continente. Mas, como o comércio é o principal motor de crescimento e desenvolvimento socioeconómico para as economias africanas (em que todas são pequenas e abertas), e porque os EUA continuam a

ser o actor económico dominante do mundo, os africanos esperam que o governo de Biden proponha um novo rumo.

Para esse efeito, os EUA podem colher grandes benefícios políticos e económicos agindo de forma simbólica, estratégica e operacional. Para começar, o governo de Biden pode definir o tom para uma nova parceria com várias propostas gratuitas. Declarações oficiais a reconhecer a enorme contribuição de África para a civilização humana e a necessidade urgente de recuperar um papel proeminente nos assuntos mundiais transmitiriam respeito e ajudariam a mudar as percepções. E o compromisso dos EUA de apoiar a adesão permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas para a União Africana e de co-financiar missões de manutenção da paz na região do Sahel e na Bacia do Lago Chade fortaleceria esse tipo de medidas.

A nível estratégico, os EUA devem oferecer uma nova visão para a sua abordagem em relação ao continente, mudando o foco nos interesses geopolíticos e em fazer frente à China, que levou a resultados desastrosos durante a Guerra Fria, para uma verdadeira parceria baseada em relações comerciais mutuamente benéficas e apresentação de resultados visíveis. Isso significa ir além dos parcos projectos bilaterais que visam apenas firmar uma bandeira norte-americana. Por exemplo, os EUA devem assumir

um papel de liderança para garantir que as vacinas contra a covid-19 cheguem rapidamente a África. Isso seria consistente com as prioridades de Biden e enviaria um forte sinal de que a era da negligência afável acabou.

Durante muito tempo, os EUA contentavam-se em apoiar qualquer ditador africano que oferecesse cooperação na luta contra o terrorismo (ou acesso seguro à extracção mineral), sob o argumento de que isso era necessário para evitar o caos. Mas essa política falhou: os EUA acabaram por ficar com ditadores e caos ao mesmo tempo. Sem cair na armadilha arrogante de tentar obter uma mudança de regime, o governo Biden deveria tratar os maus líderes africanos da mesma forma que os EUA trataram os autocratas comunistas na Europa do Leste. A clareza moral é essencial.

Por fim, a nível operacional, o pragmatismo renovado em relação a África poderia gerar vitórias rápidas e valiosas. A primeira tarefa deveria ser despolitizar as políticas macroeconómicas promovidas por instituições internacionais e bancos de desenvolvimento onde os EUA dominam. As políticas monetárias africanas devem estar receptivas a debates intelectuais e políticos internos, tal como são noutras partes do mundo. Da mesma forma, as estratégias africanas de política fiscal, financiamento e gestão da dívida devem reflectir o conhecimento actual e não as velhas ortodoxias

de contabilidade estática.

Com estas considerações em mente, um primeiro objectivo ousado para o governo Biden seria estabelecer uma data-limite para acabar com a ajuda externa dos EUA a África, com o objectivo de substituir os actuais instrumentos politizados de ajuda bilateral por novos programas de financiamento e facilitação do comércio.

Como segundo objectivo, os EUA poderiam melhorar a posição em África, reconhecendo que os seus subsídios agrícolas com efeitos de distorção afectam negativamente os preços globais de muitos produtos, reduzindo assim as taxas de crescimento em África. Ao reformar o próprio financiamento agrícola, os EUA poderiam desencadear mudanças políticas positivas semelhantes nos países da OCDE, bem como encorajar a industrialização africana – o que beneficiaria tanto os EUA como África.

Terceiro: o envolvimento dos EUA com a China, a União Europeia, o Japão, a Índia, além de financiadores públicos e privados, ajudaria a diminuir o risco de investimentos em África e facilitaria o financiamento de infra-estruturas produtivas. Visando sectores onde os países africanos têm uma vantagem comparativa (agro-indústria, produção industrial leve e sectores culturais e criativos) e apoiando a construção de zonas económicas especiais e parques industriais, os EUA podem ajudar a estimular a procura global, gerar crescimento e criar empregos em África e nas economias avançadas de forma semelhante.

A melhor resposta à exportação de Institutos Confúcio, por parte da China, não é a retórica sinofóbica, mas sim acções concretas para promover a aprendizagem e a acumulação de conhecimento em África.

A nova administração dos EUA não pode confiar apenas no simbolismo. Do ponto de vista estratégico e também operacional, uma nova relação com África requer um quadro de cooperação que incorpore os princípios da dignidade e do respeito mútuo.

Opiniões

E agora pergunto eu...



Geralda Embaló
Directora-Geral
Adjunta

A versão radiofónica deste espaço (na Rádio Essencial) depois dos acontecimentos no Cafunfo perdeu grande parte do sentido... Falava no último vídeo do presidente brasileiro em mais uma das suas exibições de vulgaridade, ordinarice, falta de educação e incapacidade de compreender as suas funções de representante máximo de uma nação ao mandar jornalistas para sítios indizíveis. E dizia que “tão mau ou pior, era ver-se a sua entourage bater palmas e a encorajar efusivamente o espectáculo infeliz, e com isso a convencerem-no de que está a fazer um bom trabalho por demonstrar a boca suja que tem. Lembra aqui os nossos batedores de palmas que encorajam também o chefe esteja ele a dizer que o MPLA é o maior ou a dizer que o MPLA é o maior ninho de marimbondos (que ele vai caçar). Se o chefe disser que vai mandar a sua PGR prendê-los todos com ou sem provas no dia seguinte, vão continuar a rir e a aplaudir efusivamente porque assim dita o hábito. Questionado sobre quando vai falar com o presidente brasileiro, Joe Biden, o novo presidente dos EUA riu-se. Dizia que se fosse brasileira, estaria envergonhada pela representação e liderança do meu país mas dizia também que “como às minhas origens misturadas não faltam motivos de embaraço, o melhor é mesmo como diz o ditado “não rir do vizinho porque o nosso mal está a caminho” ou já cá está, há muito tempo infelizmente...” dizia isto na sexta-feira passada antes de ler sobre as mortes em Cafunfo, na província da Lunda-Norte, e as tentativas de justificar o injustificável que são prova cabal de que os males cá estão.

E se a falta de informação fiá-



vel e os saldos (em número de mortos) conflituantes seriam motivos para não nos apressarmos a tirar conclusões sobre os acontecimentos, a verdade é que essa falta de fiabilidade é fruto da falta de confiança no que dizem as autoridades. As mesmas que disseram que o jovem morto nas manifestações em Luanda estava vivo, as mesmas a quem são atribuídas cerca de 40 mortes injustificáveis como a do médico (que por sua vez caiu e morreu sozinho) e as mesmas que continuam a justificar comportamentos à pelotão de fuzilamento com argumentos tão infantis como “atentado ao poder” e com imagens de “armamento usado para rebelião” igualmente duvidosas. O facto de haver novamente registo de mortos por causa de uma manifestação (seja pela motivação que for) e cujo direito está previsto na Constituição da República, é mais do que suficiente para que se lamente os acontecimentos. Assim como é de lamentar mais um comunicado da polícia que trata seres humanos como gado indisciplinado merecedor de qualquer castigo, incluindo abate.

Na semana passada, este espaço falava em choque geracional entre esta velha guarda empedernida (referindo-me aos Bolsonaros que por aí andam) que pensam que demonstrações de boçalidade equi-

valem a demonstrações de força, e por isso, ao que se espera de um líder. Mas ante os acontecimentos em Cafunfo, da tentativa abjecta de os justificar e do silêncio tumular de quem de direito (quem nos lidera e nos representa), perante imagens de polícias a pisarem a cabeça de cidadãos ensanguentados no chão, falar da boçalidade nas terras alheias, torna-se também vergonhoso.

Este espaço falava de manifestações desse conflito geracional em Angola e em todo o mundo, falava nas formas diferentes em como ela ocorre, nos jovens que cada vez mais saem para as ruas para exigir mais e melhor das lideranças e online em que as manifestações são mais imediatas do que nunca. Falava noutras formas como a guerra fria entre os jovens que através de plataformas mais informais de apostas em bolsa conseguiram virar ao contrário o mundo dos tubarões veteranos de Wall Street, que estão habituados a fazer milhões de dólares em bolsa muitas vezes através do assassinio de empresas, (uma história melhor contada na editoria de gestão do Valor Económico). Demonstrações de que antiguidade por si já não é posto e que os veteranos podem bem ser batidos por jovens por não fazerem a leitura dos tempos modernos, e por continuarem na arrogância de que o

Na semana passada este espaço falava em choque geracional entre esta velha guarda empedernida (referindo-me aos Bolsonaros que por aí andam) que pensam que demonstrações de boçalidade equivalem a demonstrações de força.

poder é para ser exercido de acordo com a vontade de quem manda em vez de exercido em prol da maioria... A vontade de quem manda no nosso caso ditou a desgraça de Isabel dos Santos (continuava este espaço entretanto desactualizado por eventos mais relevantes). A ex-mulher mais rica de África, que um ano depois do publicitado Luanda Leaks caiu da lista dos bilionários africanos, e escrevia a Forbes a propósito que, quando os milhões vêm de países com gover-

nos autoritários, não se tem segurança na riqueza acumulada. Isto porque pode chegar amanhã um outro autoritário qualquer e desfazer o que o autoritário anterior fez e com isso os investimentos feitos sofrerem. Esta, a imagem de que o nosso é um país com um sistema de governo autoritário, em que os investidores não têm segurança e podem passar de bilionários a falidos se o governo assim entender, é uma mensagem tão forte e tão famosa quanto a queda em desgraça de Isabel dos Santos. Talvez mais. E agora pergunto eu, uma mensagem com que custo? E, com que ganhos práticos para a maioria dos angolanos? Há alguns que ganharam receio porque são funcionários das muitas empresas que Isabel dos Santos criou e não sabem por quanto tempo se vão manter, mas ganhos, esses continuam a cingir-se aos egos e às vinganças de uns poucos. Emprego que é bom nada, apesar da confusão que se gerou à volta do anúncio do INE sobre o número de empregados que (sem culpa para os técnicos do INE coitados que pediram encarecidamente a ajuda da media) levou à conclusão enganosa e risível da criação de 6 milhões de empregos. Os 6 milhões dos mais de 15 da população activa, referem-se a empregos no sector da agricultura, produção animal e pescas, que sabemos carregado de informalidade e por isso bastante exposto à crise violenta que o país atravessa. Quase 5 milhões desses 15 da população activa estão desempregados.

O autoritarismo a que a Forbes se referia ganhou no comunicado da polícia sobre as mortes em Cafunfo, mais um atestado. Palavreado preso no tempo da guerra de há mais de duas décadas, ausência de qualquer intenção de apuramento sério de responsabilidades (como aliás tem acontecido), demonização dos mortos, uma parcialidade que infantiliza a sociedade em geral e uma total ausência de respeito pela vida dos mais vulneráveis por parte de quem os devia proteger. As instituições castrenses são vitais e necessitam de uma reforma e de uma despartidarização que estas lideranças empedernidas, que insistem em justificar atropelos e com isso em incentivar violência e mortes, se demonstram incapazes de fazer. Se há perguntas quanto ao que se passou, há pelo menos uma certeza, tem de haver responsabilização.

Devemos perguntar sobre o que fizemos por aqueles que “deram tudo o que seria possível dar”? Fizemos milionários. Bastantes. Fizemos bilionários. Alguns. E o que fizemos com aqueles que iniciaram a caminhada?

Relembrando o 4 de Fevereiro, ou, Wapossoka 4 de Fevereiro



António Vieira,
ex-director da
Cobalt Angola

Há muito pouco tempo ouvimos um líder de ‘classe mundial’ dizer abertamente e para quem o quis ouvir, que “um soldado que acaba preso pelo inimigo não é um herói nacional”. Esta afirmação chocou o mundo inteiro porque, muito obviamente, contradiz o que convencionalmente está estabelecido. Pelo menos entre nós.

No nosso 4 de Fevereiro de 1961 um punhado de jovens frustrados e, conseqüentemente revoltados, assaltou posições inimigas e como resultado acabaram todos ‘emprisionados’. Obviamente que o acto haveria de se tornar na chama que guiou uma grande parte dos libertadores do país que tudo fizeram para que o dia fosse considerado como sendo o início da luta armada. Mas será que foi?

Independentemente de ter sido ou não, os participantes desse acto de hostilidade ao regime colonial merecem o reconhecimento de todos nós, sobretudo porque a grande maioria de nós foi de tal maneira covarde, não tendo participado do acto. Aliás, se a colaboração fosse maior, se a [adesão] fosse popular, a luta de libertação teria sido muito mais curta.

Só que, apesar de tudo isso, temos no dia 4 de Fevereiro a obrigação de relembrarmos aquele punhado de ‘atrevidos’ que acabaram prisioneiros. Sofreram na pele a injúria, as sevícias e os maus-tratos dos carcereiros da

altura. Na realidade, eles deram o que de melhor tinham. Alguns deram mesmo o que não tinham. Houve ainda outros que deram tudo, inclusive a própria vida. Uma pergunta se faz aqui e que, quiçá, nunca ninguém a fez: “ao darem tudo o que seria possível dar, será que esperavam alguma recompensa outra que não fosse a libertação do espaço nacional?”

É óbvio que não será possível avaliar hoje a resposta exacta. Porém, ainda existem vivos alguns desses combatentes iniciais da nossa libertação. Existem familiares que passaram por privações originadas pela encarceração e desaparecimento. Famílias inteiras que não atingiram o potencial de desenvolvimento por causa do ostracismo a que foram votadas bem como pelas dificuldades com que tiveram de batalhar.

O país nasceu 14 anos depois e recordou-se ostensivamente o feito. Foram considerados heróis nacionais. Tornaram-se reconhecidos na praça pública e foilhes pedido o sacrifício maior de escreverem uma página da história que, quiçá, não foi bem a realidade. Apesar de a luta armada só começar pouco mais de um mês depois, tiveram que vir a praça pública dar como facto

real ter iniciado em 4 de Fevereiro. E participaram do engano global todos os participantes do nosso sistema de educação independentista. Ajudaram a forjar a história, história que serviu para alimentar o patriotismo necessário para que se acabasse a guerra contra o inimigo criado do pós-independência.

Porém, neste 4 de Fevereiro, devemos perguntar a nós mesmos sobre o que fizemos por aqueles que, como disse acima, “deram tudo o que seria possível dar”? Fizemos milionários. Bastantes. Fizemos bilionários. Alguns. E o que fizemos com aqueles que iniciaram a caminhada?

Embora se tenham deixado prender pelo inimigo naquela luta de vitória improvável, eles foram por todos nós elevados ao patamar de heróis. São os nossos heróis. É evidente que até 1974 surgiram outros e, independentemente de mais ou menos gota de suor no pote libertação, deveriam hoje ser tratados como heróis por essa maioria de covardes que hoje se apoderou do país. Sim, aqueles que hoje propalam a todos os cantos a sua lealdade e amor patriótico, na altura de lutar por essa pátria muitos deles nem sequer existiam. Apoderaram-se da pátria

e hoje ignoram os heróis. Ignoram os que por mérito próprio trouxeram o nosso espaço para o nível de país.

A esses heróis esquecidos faço neste 4 de Fevereiro uma vénia de mérito e valentia e exijo que os herdeiros dos que se dedicaram ontem mereçam muito mais respeito por parte daqueles que hoje, sem qualquer mérito excepto oportunismo e bajulação, beneficiam das sementes por eles plantadas em 1961.

Porém, a grandiosa obra por eles iniciada continua à espera do seu toque subtil em direcção a uma finalização heróica. Como em qualquer projecto de monta, tal qual a luta pela independência foi, falta-lhes escreverem as suas memórias para que nós e os que nos seguirão fiquem a saber das privações do percurso. Falta esse relatório final, para que não mais se minta e para que se identifiquem e se distingam os bons dos melhores. Para que possamos compreender como foi possível cairmos tão fundo ao ponto de hoje, 45 anos como povo livre e independente, ainda não tenhamos a educação e a saúde pela qual iniciaram a luta de libertação. Para que possamos compreender como é possível ainda hoje não termos trabalho para os nossos filhos e, em casos pontuais, continuarmos a ser manietados pelos filhos e netos do colonizador. Para que possamos saber donde viemos e, para que passemos a saber para onde vamos.

Para além do mais, é importante educar sem mentiras os mais novos sobre esse sacrifício ora feito para que nunca acreditem que embora presos pelo inimigo, esses homens são os nossos heróis. Só corrigindo o que está mal poderemos melhorar o que está bem. E quem ganhará é o povo. O futuro promete.





Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te

Sobre [Ver tudo](#)

11 343 pessoas gostam disto, incluindo 71 dos teus amigos

11 800 pessoas seguem isto

<http://www.valoreconomico.co.ao/>

936272323

Enviar mensagem

Empresa de comunicação e notícias

Fotos [Ver tudo](#)



O tema mais comentado da última edição do Valor Económico na página do Facebook foi a entrevista do governador da Lunda Norte. Ernesto Muangala, falava sobre acusações de favorecimento no âmbito do PIIM, afirmava que o MPLA ganharia todas as autarquias da província e que o partido governou poucos anos tirando os anos de guerra.

Os comentários são selecionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico.

Gralhas e discussões pessoais são editadas para publicação.

Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

Facebook/Comentários



Mario Torres

Mas esta gente devia ficar quieta e calada. Mas foi mesmo enquanto houve guerra que o "gamanço" foi maior. Ninguém fazia contas, pois tudo era "debitado" à guerra. Ao menos devia ter um pouquinho só de vergonha, mas nem isso.



Rodrigo Guimaraes

E os anos de roubo e os anos de burrices também não??? Então só estão a governar há 3 anos?? Um homem que estudou para gerir áreas chaves de uma sociedade e diz isso sabendo ele que sempre fez parte do sistema e vem a público dizer isso, é vergonhoso e acham se os únicos com capacidades de governar. Então andavam a desgovernar??? O povo tem razão sobre a falta de capacidade é interesse em ver o povo bem.



Horacio Junior

O governador tem razão. 27 anos foram de guerra.



Heitor Carvalho

Horacio Junior

Admitamos. 18 anos não são tempo suficiente?



Horacio Junior

O país foi reconstruído em 18 anos. Fizemos um excelente processo de paz e quem teve a responsabilidade de conduzir o processo foi o governo. Um processo muito complexo e delicado que é um exemplo em África. Lembro que o país estava todo destruído em 2002.



Jacinto Muassangue

Não sei o que falta para ser indiciado com crime de traição territorial, só para não falar da traição a pátria. Só o facto de não existirem as estradas e a população vive na miséria tremenda nas terras rica em tudo



Victor Teixeira

Meio século com desenvolvimento de Feriado, assumam que não têm capacidade nem sequer parar governar a própria casa (usurpada)



Domingus Alberto Vieira

Isso é muito vício de roubar o dinheiro dos Angolanos, 45 anos é pouco?!



Luis Vilhena

Brincadeira tem hora



Luis Velasco

Este senhor está perdido...



Victor MMassinga

Falta lhes vergonha até já não sabem contar os tempos!



Bernardo Correio Cabral Versace

Os governantes deste país já perderam a vergonha há muito tempo.



Adilson Diassonama da Costa

A CULPA NÃO É DELE, É DE QUEM NOMEOU PARA ESTAR AI...



Silmaga Bissil

Enviado do diabo



Quim António

Desculpas farrapadas.



Mário D. Sá

19 Anos é pouco!? Há pessoas burras yah!



Jovelino Sisi Kialema

Não aceita te manipularem pelo MPLA. Um dos mais prolongados corruptos ditatoriais e sanguinários regimes africanos.

Para receber o VALOR todas as semanas, basta enviar o seu e-mail para 941784791 / 2

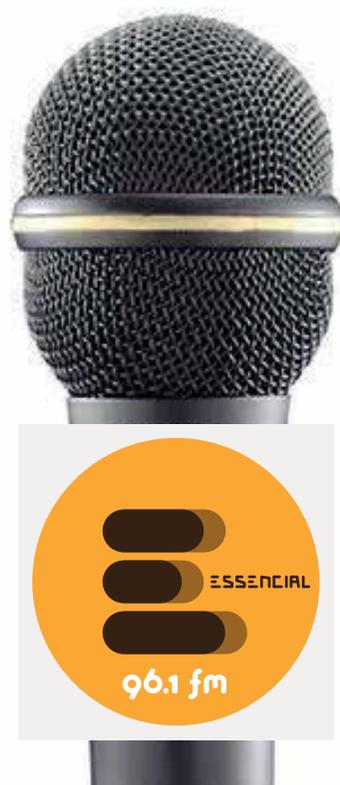
Contribua para manter o jornalismo de qualidade.

GEM Angola Global Media, Lda

**Iban:
0051 0000 7172
9933 1512 7**

O QUE É
ESSENCIAL
NOS DIAS
DE HOJE?

96.1 fm



Covid-19

COVID-19

Equipa da OMS visita organismo que lidou com primeiros casos

A equipa da Organização Mundial da Saúde (OMS) encarregada de investigar as origens da pandemia da covid-19 visitou o Centro de Controlo de Doenças que lidou com os primeiros casos de covid-19 na China.

Os investigadores chegaram à cidade chinesa de Wuhan no mês passado para procurar pistas e visitar os hospitais que, em Dezembro de 2019, trataram dos primeiros pacientes, e o mercado de frutos do mar, que foi o elo comum dos casos iniciais. A visita ao Centro de Controlo de Doenças de Hubei, província da qual Wuhan é capital, ocorre numa altura em que a China tenta redefinir a narrativa sobre a doença. O Governo chinês promoveu teorias, com poucas evidências, de que o surto pode ter começado com a

importação de frutos do mar congelados contaminados com o vírus, uma ideia totalmente rejeitada por cientistas e agências internacionais.

Os dados que a equipa da OMS recolher em Wuhan serão o ponto de partida para o que se espera ser um trabalho de investigação que pode demorar anos. Determinar a origem de um surto requer uma grande quantidade de pesquisas, incluindo amostras de animais, análises genéticas e estudos epidemiológicos.

A China restringiu amplamente a transmissão doméstica por meio de testes rigorosos e rastreio das cadeias de transmissão. O uso de máscaras em público é cumprido com rigor quase absoluto e bloqueios imediatos são impostos sempre que são detectados casos num determinado distrito ou cidade.



NO BRASIL

Laboratório chinês recebe luz verde para testar medicamento

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) do Brasil aprovou testes clínicos de um medicamento que poderá oferecer um “tratamento efectivo” contra a covid-19, anunciou um laboratório chinês.

Num comunicado enviado à Bolsa de Valores de Hong Kong, o Kintor Pharmaceutical Ltd sublinhou que, em estudos prévios, a proxalutamida reduziu o risco de hospitalização dos pacientes infectados pelo novo coronavírus em 100%, no caso dos homens, e em 90% nas mulheres.

A proxalutamida é um agente bloqueador do androgénio, porque a hormona sexual masculina parece ajudar o novo coronavírus a entrar nas células humanas, algo sugerido por uma investigação feita em 2020 na Universidade de Suzhou, junto a Xangai.

Os testes irão seleccionar 588 pacientes, distribuídos igualmente pelos dois sexos, admitidos com covid-19 em hospitais brasileiros, referiu o Kintor, que tem sede na cidade de Suzhou.

No comunicado, o presidente e fundador do Kintor, Tong Youzhi, sublinha que os testes receberão “o forte apoio” do governo brasileiro no que toca à distribuição de recursos médicos. O investigador refere ainda que os testes terão recebido a garantia, por parte do regulador brasileiro, de uma análise rápida dos resultados.



CONTRA O NOVO CORONAVÍRUS

Nova Iorque reconhece disparidades raciais nas taxas de vacinação

Residentes negros e latinos de Nova Iorque estão a ser vacinados contra a covid-19 em números muito inferiores aos brancos e asiáticos, reconheceu o responsável municipal Bill de Blasio, prometendo alargar o acesso à vacina às diversas comunidades.

Os dados divulgados pelo departamento de Saúde demonstram que 48% dos residentes na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, que receberam pelo menos uma dose da vacina são brancos, número que excede largamente o terço da população da cidade que é branca e de origem não latina.

Os números da vacina estão incompletos porque 40% das pessoas que foram vacinadas na cidade não forneceram informação demográfica. No entanto, os números reflectem os dados da vacinação de outras cidades e estados, com a comunidade negra em todos os locais a ser inoculada a taxas muito inferiores ao seu peso entre a população.

Apenas 11% das doses de vacinas entre os residentes de Nova Iorque foram atribuídas à população negra e 15% a latinos, apesar de os nova-iorquinos negros e latinos constituírem, respectivamente, 24% e 29% da população da cidade. A percentagem de doses de vacinas disponibilizada aos asiáticos, 15%, é semelhante à sua proporção entre a população da cidade (14%). “Assistimos claramente a uma profunda disparidade que necessita ser corrigida de forma agressiva e criativa”, disse Bill de Blasio em declarações aos ‘media’. “Existe um profundo problema de descrença e relutância, em particular nas comunidades de cor”, frisou.

De Blasio declarou ainda que as medidas se destinam a aumentar as taxas de vacinação nas comunidades não brancas e incluem a simplificação do processo de aplicação e a tradução dos materiais em línguas adicionais.

A pandemia do novo coronavírus originou elevadas taxas de mortalidade entre a população negra e latina na cidade de Nova Iorque e em todo o país, e os receios de que os dados da vacinação demonstrassem uma semelhante disparidade pressionou de Blasio a divulgar os números.



O CONSELHO NACIONAL de Vacinação da Áustria recomendou a não utilização da vacina AstraZeneca contra a covid-19 para a população com idade superior a 65 anos porque “os dados de imunidade e segurança são comparáveis aos de pessoas mais jovens”.

NO SEGUNDO TRIMESTRE

BioNTech garante mais 75 milhões de doses para países

A empresa alemã BioNTech anunciou que fornecerá aos países da União Europeia mais 75 milhões de doses da vacina contra a covid-19, desenvolvida com a Pfizer, no segundo trimestre do ano, após melhorar os processos de produção.

“Continuamos a trabalhar para aumentar a oferta a partir de 15 de Fevereiro para atingir o número de doses estipuladas nos contratos”, afirmou o director financeiro da empresa, Sierk Poetting, em comunicado.



NA QUARTA-FEIRA

Voos da TAAG regressam a São Tomé

A Taag anunciou que vai retomar os voos para São Tomé e Príncipe a 3 de Fevereiro, após uma suspensão de quase um ano.

O anúncio foi feito numa publicação partilhada pela companhia aérea na rede social Instagram. Na nota, a Taag lamentou os “transtornos causados em decorrência de constrangimentos operacionais que impossibilitaram a retoma dos voos” mais cedo.

Suspensos desde Março de 2020 devido à covid-19, as ligações aéreas da Taag para São Tomé e Príncipe deveriam ter sido retomadas a partir de segunda-feira, 25 de Janeiro, mas a companhia anunciou então o cancelamento do voo por tempo indeterminado.

A pandemia da covid-19 levou ao encerramento do espaço aéreo de muitos países a voos comerciais, incluindo de Angola.



PLANO PRELIMINAR

Vacinas com custo estimado de 217 milhões de euros

O plano de vacinação contra a covid-19 vai custar 217 milhões de euros, abrangendo 20% da população na primeira fase, incluindo profissionais de saúde, forças de segurança e pessoas com mais de 40 anos e comorbilidades de risco.

Segundo uma versão preliminar do plano, actualizado em 15 de Janeiro, o objectivo é vacinar 52% da população contra a covid-19 em duas etapas, com duas doses.

Numa primeira fase, a implementar no primeiro semestre de 2021, serão abrangidos 6,4 milhões de habitantes com 40 e mais anos e comorbilidades de risco, bem como população com exposição contínua.

Está prevista a vacinação de 100% dos profissionais de saúde, pessoal e utilizadores de serviços sociais básicos, incluindo lares de idosos, orfanatos, locais de assistência a pessoas incapacitadas, cadeias e professores, pessoas com comorbilidades de risco, funcionários aeroportuários e de fronteiras, agentes das forças da ordem e de segurança pública, autoridades executivas do governo e instituições críticas para preservar a governabilidade e as acções estratégicas do Governo.

Deve ser também vacinado 95% da população de idade igual ou superior a 40 anos de idade, num curto período, de forma a criar impacto na redução de casos severos (mortalidade e ocupação hospitalar).

Nesta primeira etapa, o recomendado é vacinar primeiro a população de idade igual ou superior a 65 anos (2,5% da população angolana), indica-se no documento de trabalho da Comissão Multissetorial para Prevenção e Combate à covid-19.

POR CAUSA DA PANDEMIA

Cabo Verde sem carnaval este ano

Cabo Verde não vai realizar qualquer evento de carnaval em 2021 devido à pandemia da covid-19, decisão que o governo pretende articular com os principais representantes do sector

O anúncio foi feito pelo ministro da Cultura e das Indústrias Criativas. Em declarações à Lusa, e numa altura em que surgem relatos sobre a organização de desfiles carnavalescos no arquipélago, nomeadamente na ilha de São Vicente, em formato ‘online’, o ministro Abraão Vicente rejeitou que isso possa acontecer e garantiu que essa orientação será dada pelo gabinete de crise do governo, criado para gerir a pandemia da covid-19. “O gabinete de crise vai reunir-se, não vai haver carnaval. Eu creio que já há um entendimento tácito por parte dos organiza-

dores, mas vamos organizar um encontro com os principais ‘players’ do Carnaval em Cabo Verde para passar essa determinação e essa directiva do governo: Não há condições para a realização de carnavais”, afirmou o ministro da Cultura e das Indústrias Criativas.

De acordo com Abraão Vicente, essa orientação será dada aos principais grupos e organizadores de carnaval em Cabo Verde nos próximos dias, numa reunião que juntará também o Ministério da Administração Interna. “Para configurar um entendimento e um consenso quanto a esta matéria”, adiantou ainda, que num momento de pandemia, “não há condições” para a realização de eventos com aglomerados, como seria o caso, tratando-se da maior festa popular em Cabo Verde.



Marcas & Estilos



Um estilo interessante

Libere as suas superfícies com esses ganchos de propagação da Maple Eclair. Criado para um ambiente paisagístico, os belos detalhes na borda adicionam um estilo interessante e minimalista para qualquer espaço vertical.



Um presente daqueles

Com o aproximar do Dia de São Valentim, esta bandeja pode ser o presente perfeito para acordar que mais amamos. A Sagaform pensou em si e, como sempre nos seus melhores sentimentos.



AUTOMÓVEL

Atributos irresistíveis

Foi o primeiro SUV da família Hyundai. Lançado em 2001, soube resistir à mudança, muito graças a constantes actualizações, nomeadamente ao nível estético – que sempre foi um dos atributos – e dos motores que garantiam bom desempenho e baixo consumo. A nova geração do Santa Fé ostenta imagem forte, motorização (a gasóleo) 2.2 litros, de 200 cavalos e sete lugares. Os valores de comercialização são bastante atractivos.

AGENDA

LUANDA

13 DE FEVEREIRO

Especial Dia dos Namorados; Bazar, no Clube Náutico, das 10 às 18 horas.

DE 15 DE FEVEREIRO

A 5 DE MARÇO

'Webinar': Direito das Finanças Pessoais, com o especialista em Regulação Económica, Financeira e Fiscal, Miguel de Carvalho. Inscrições a 25 mil kwanzas.

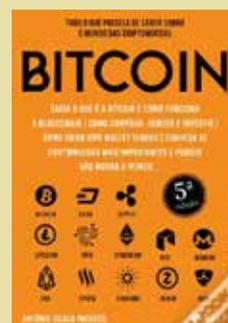
27 DE MARÇO

O grupo teatral Harmonia apresenta a peça infantil 'A Cidade do Sol', no Belas Shopping e no Cinemax. Com quatro sessões disponíveis: 09h30, 10h35, 11h40 e 12h45. Bilhete a 3.500 kwanzas.

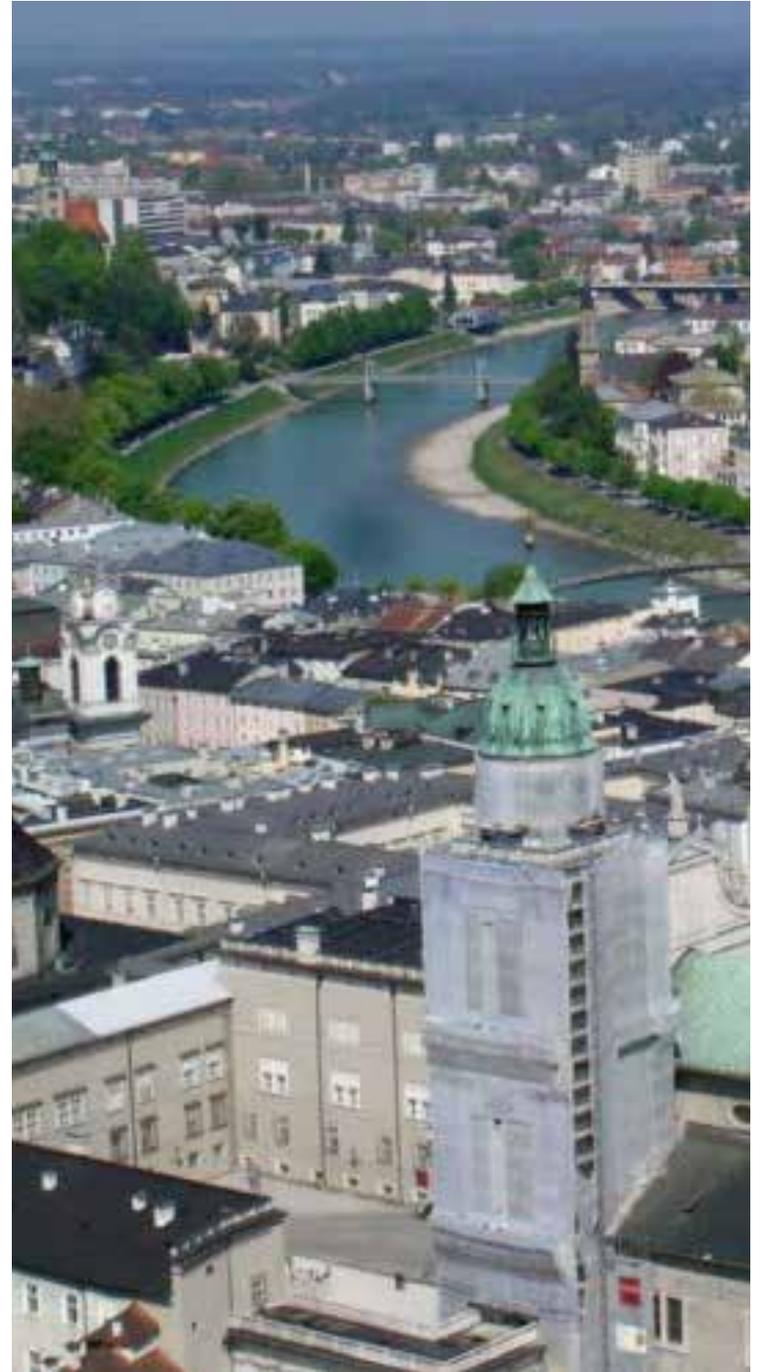
LIVROS



RICHARD H. THALER DEDICOU a carreira ao estudo de uma noção que parece radical: os agentes centrais da Economia são os seres humanos, ou seja, pessoas previsíveis e propensas a erros. Comportamento Inadequado é, neste sentido, uma tentativa séria de recuperar uma disciplina académica que deve ter os pés assentes na terra...



SE NUNCA OUVIU FALAR de Bitcoin está na hora de recuperar o tempo perdido. Mais de 25 milhões de pessoas por todo o mundo já têm "carteiras" de criptomoedas. É provavelmente a invenção mais importante desde a criação da Internet, e o seu impacto no mundo será de igual modo revolucionário.



TURISMO

Uma beleza indescritível

Localizada numa região privilegiada da Áustria, rodeada por lagos e vales, com diversas atracções como fortes medievais, abadias, edifícios históricos, museus, palácios e igrejas, a cidade de Salzburgo é cercada pelo cenário dos Alpes o que proporciona uma beleza indescritível.

Os primeiros habitantes chegaram há mais de dois mil anos, atraídos pelo sal, que, naquela época, valia mais do que o ouro, por isso, o nome Salzburgo. A grande quantidade de igrejas fez com que a cidade fosse conhecida como 'a Roma Alemã', mas é mais conhecida por ser a terra natal do famoso compositor clássico Mozart. Desde 1997, a cidade foi declarado pela UNESCO como Património Mundial Cultural e Natural.

A culinária da cidade é à base de carne, peixe e legumes. Um dos pratos típicos é o Kasnockerln, feito com pedaços de massa, leite e ovos, cozido ou frito com manteiga, cebola, cebolinha e queijo.

“ Para este mural, juntámo-nos ao José Silva Pinto, que fotografou o Nagrelha (foto de referência da obra) e a BMWorkz, enquanto produtora audiovisual, para uma cobertura diferenciada da iniciativa. ”

HÁ 2 ANOS A PINTAR 'NAS ALTURAS'

Kolectivo Baúka desafia-se a colorir Luanda

Por Lúcia de Almeida

Não há muita informação disponível a vosso respeito. Quem é o Kolectivo Baúka?

O Kolectivo

Baúka é um grupo artístico angolano que tem como objectivo agregar todos os artistas plásticos que se queiram juntar para dar corpo e mundo a várias disciplinas das artes, passando pelo design gráfico e comunicação, fotografia, produção audiovisual, arquitectura, entre outras. Com o foco maioritariamente virado para as tendências artísticas urbanas contemporâneas como o grafitti, a collage e paste up, pintura mural e instalação.

Quantos membros agrega o projecto?

O Kolectivo Baúka é uma dupla de artistas profissionais de várias disciplinas, desde as artes plásticas, o design gráfico e comunicação, fotografia, produção audiovisual, entre outras. É também missão da Baúka agregar outros artistas, destas diferentes variantes, para ir dando forma aos projectos.

Fale-nos do mural 'Puro Wi da N'Guimbi'...

Para este mural, juntámo-nos ao José Silva Pinto, que fotografou o Nagrelha (foto de referência da obra) e a BMWorkz, enquanto produtora audiovisual, para uma cobertura diferenciada da iniciativa. Além disso, contámos com a ajuda valiosa de dois alpinistas profissionais e do manobrador da grua/elevador que nos apoiou em tudo o que podia. Os moradores também tiveram um papel fundamental no acolhimento e a 'Turma do Apito' que garantiu a segurança da máquina nos momentos em que não estávamos presentes.

E como surgiu a ideia de pintar/homenagear o kudurista Nagrelha num dos prédios de Luanda?

O Nagrelha é um fenómeno de popularidade aspiracional. Representa o povo de forma genuína. Isso fez com que o Kolectivo Baúka sentisse essa vontade de o representar atra-

ARTES PLÁSTICAS. Marcus e Rómulo de Santa Rita deram vida ao Kolectivo Baúka, há anos, e têm deixado as impressões digitais em vários projectos em Luanda. Na foto, um dos mais recentes, a pintura de uma fachada de um dos prédios mais representativos do Sambizanga.



'O PURO WI DA N'GUIMBI'

O mural 'O Puro Wi da N'Guimbi' foi concebido com uma técnica mista (colagem, pintura e grafite), nos 680 metros quadrados da fachada do Prédio do Livro, no São Paulo, em Luanda, e é uma homenagem ao mais mediático kudurista angolano. Nagrelha nasceu a 30 de Outubro de 1986, no município do Sambizanga, onde viveu até aos 30 anos. Considerado uma referência para a juventude das zonas suburbanas, destacou-se na música, mas recentemente decidiu apostar na área da restauração. Abriu o 'Placa do Naná', para dinamizar os vários bairros de Luanda e empregar os jovens dessas áreas.



Tiveram dificuldades, certamente, para pintar o edifício...

Uma fachada (empena) de 10 andares é, por si só, uma dificuldade. Gerir a adrenalina da altura, a ventania, os 'timings', a diversidade dos materiais que usámos, e um prédio com centenas de moradores e suas respectivas rotinas domésticas foi, sem dúvida, um desafio constante. Por exemplo, o facto de estarmos a trabalhar à volta das antenas parabólicas de cada morador – que iam ficando sem sinal, à medida que passávamos pelas antenas, e algumas que tivemos mesmo de recolocar e reajustar – geraram imensos episódios e

peripécias, que foram o grande ponto de contacto com os moradores, que fomos conhecendo a cada piso que subíamos.

Quanto custou o projecto?

O Kolectivo Baúka não faz menção nem nunca fará ao valor investido num projecto artístico. Não acreditamos que o investimento feito seja o que valoriza a obra.

Além de Nagrelha que outros artistas mais vão ser homenageados?

Homenagear artistas não é um plano traçado pelo Kolectivo Baúka. Na arte urbana, reagiremos sempre por impulso artístico a temas de impacto que podem ser diversos.

Mas, além de Luanda, almejam levar a iniciativa para outras províncias?

Sim, claro. Desde que se dê a oportunidade. Faz parte das nossas ambições.

E os apoios?

Tivemos todos os apoios mencionados acima, que vão desde logísticos, financeiros a operacionais. Obrigado a todos os que fizeram acontecer.

“Um mural que não foi apenas um mural – foi uma intervenção séria de responsabilidade social”, afirma o grupo numa nota de imprensa. O que isto quer dizer?

Aqui, mais do que o nosso trabalho a dar vida à obra de arte em si, a Sodiba (produtora da Luandina) teve um papel fundamental. Fez questão, para além de nos ajudar a dar corpo ao mural, de fazer, junto com os moradores, um levantamento das necessidades do Prédio do Livro. Dentro das possibilidades que tinham, definiram até onde seria possível ajudar a melhorar as condições de habitabilidade do prédio, no âmbito da responsabilidade social da marca. É assim a Luandina, a pedido dos moradores, financiou o arranjo do saneamento básico, limpou e pintou todo o piso térreo do edifício. O que acabou por ser muito gratificante para todos. Nós só ajudamos a fazer a ponte entre os moradores e a equipa da Luandina que também se mostrou sempre incansável.

Taça Cheia



96.1 fm

Rádio Essencial

Todos os
sábados,
às 19:00,
com
**Sebastião
Vemba**

Educação & Tecnologia

HUAWEI NOVAMENTE RECONHECIDA COMO UMA DAS MELHORES EMPREGADORAS DE ÁFRICA

O Top Employers Institute premia a oferta excepcional dos funcionários da Huawei

JOHANNESBURG, JANEIRO DE 2021 - Líder global em TIC, a Huawei foi reconhecida como um dos melhores empregadores de África, recebendo o prémio anual de certificação Top Employers, em reconhecimento às suas práticas excepcionais de funcionários. Além da Certificação Continental HQ Top Employer para a África 2021, a Huawei também recebeu o prestigioso prêmio em 10 países africanos, incluindo África do Sul, Quênia, Nigéria e Zâmbia.

O Top Employer Institute é uma autoridade global em excelência em práticas de pessoas. Por meio do programa de certificação do Top Employers Institute, as empresas participantes são avaliadas, pesquisadas e credenciadas anualmente como empregadores líderes em relação às suas práticas de Recursos Humanos.

“Ganhar o prêmio Top Employer é o reconhecimento dos altos padrões e compromisso da Huawei em incentivar e capacitar nossos funcionários a trabalhar com o mais alto comprometimento e paixão. A Huawei está empenhada em criar oportunidades para todos de forma a construir uma força de trabalho diversificada com foco no desenvolvimento profissional, saúde e segurança e bem-estar dos funcionários”, disse Chen Yu, Director de RH da Região Sul da África da Huawei. Com a era digital e o impacto da pandemia Covid-19, a necessidade de aumentar as competências tornou-se uma prioridade para as organiza-



ções. As habilidades em TIC também se tornaram críticas para o desenvolvimento nacional, assim como as oportunidades de carreira para profissionais ativos. Chen Yu disse que a Huawei enfoca persistentemente o crescimento das habilidades de TIC de seu pessoal, para atender às necessidades da futura economia digital.

O programa Top Employers Institute certificou e reconheceu mais de 1.600 Melhores Empregadores em 120 territórios nos cinco continentes. O programa Top Employers Institute certifica organiza-

180

Mil, número de funcionários da Huawei em mais de 170 países

ções com base nos resultados de sua Auditoria de Melhores Práticas de RH realizada em cada organização após a conclusão de uma pesquisa altamente intensa. A pesquisa cobre tópicos como estratégia de pessoas, ambiente de

trabalho, aquisição de talentos, aprendizagem, bem-estar, diversidade, gestão de mudanças, gestão de desempenho, cultura e muito mais.

“Apesar do ano desafiador que vivemos, a Huawei continuou a demonstrar o poder de colocar seu pessoal em primeiro lugar no local de trabalho”, disse David Plink, CEO do Top Employers Institute. “Estamos orgulhosos de compartilhar o anúncio deste ano e parabenizar as organizações que foram certificadas em seus respectivos países por meio do programa Top Employers Institute.”

SOBRE HUAWEI

A Huawei é fornecedora líder global de infraestrutura e dispositivos inteligentes de tecnologia da informação e comunicação (ICT). Com soluções integradas em quatro domínios principais - redes de telecomunicações, TI, dispositivos inteligentes e serviços em nuvem - temos o compromisso de levar o digital para cada pessoa, casa e organização para um mundo totalmente conectado e inteligente.

O portfólio de produtos, soluções e serviços ponta a ponta da Huawei é competitivo e seguro. Por meio da colaboração aberta com parceiros do ecossistema, criamos valor duradouro para nossos clientes, trabalhando para capacitar as pessoas, enriquecer a vida doméstica e inspirar a inovação em organizações de todas as formas e tamanhos.

Na Huawei, a inovação se concentra nas necessidades do cliente. Investimos fortemente em pesquisa básica, concentrando-nos em avanços tecnológicos que impulsionam o mundo. Temos mais de 180.000 funcionários e operamos em mais de 170 países e regiões. Fundada em 1987, a Huawei é uma empresa privada de propriedade integral de seus funcionários.

Para obter mais informações, visite Huawei online em www.huawei.com ou siga-nos em: <http://www.huawei.com/za/> <https://twitter.com/HuaweiSAR> <https://www.facebook.com/HuaweiSAR> <http://www.linkedin.com/company/Huawei> <http://www.google.com/+Huawei> <http://www.youtube.com/Huawei>

Para obter informações adicionais, entre em contato com: Vanashree Govender vanashreegovender@huawei.com

NÚMEROS DA SEMANA

84,3

Milhões de kwanzas é o valor das sanções aplicadas pelo BNA às instituições financeiras por incumprimento das regras cambial, prudencial da conduta financeira.

52%

Queda das receitas arrecadadas com o turismo no Cunene, no ano passado, em comparação ao período homólogo.

300

Mil euros montante disponibilizado pela União Europeia para financiar o programa angolano de estágios profissionais em seis províncias.

41%

Queda das receitas de exportação em 2020, face ao exercício anterior, segundo cálculos divulgados pelo governador do BNA, José de Lima Massano.

COM RECURSO AO PEFA

Governo avalia gestão das Finanças Públicas



O Ministério da Finanças vai lançar, este mês, uma missão cujo objectivo é a avaliação da performance da gestão das finanças públicas por via da metodologia PEFA (Public Expenditure and Financial Accountability Program), instrumento que foi desenvolvido em 2001, por sete instituições. Com o apoio da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD), da Delegação da União Europeia (DUE) em Angola, da Embaixada da Suíça em Angola, além de outros parceiros de desenvolvimento, prevê-se que os resultados da avaliação ofereçam “uma visão global do estado da gestão das finanças públicas no País”, segundo uma nota conjunta das Finanças e parceiros, que esperam criar uma “base necessária para determinar as melhorias

necessárias para alcançar maior eficiência e transparência no uso dos recursos públicos”. Após a fase de realização do PEFA, espera-se também, por parte das Finanças, a elaboração de uma estratégia de reforma da gestão das finanças públicas, que deverá ter o apoio dos parceiros, sendo que o diagnóstico será realizado até ao final do ano. Segundo a descrição feita no comunicado, o PEFA fornece um retrato do sistema de gestão de finanças públicas num dado momento, por via de indicadores quantitativos definidos numa metodologia-padrão, e pode ser replicado em avaliações sucessivas, o que permite um acompanhamento da evolução da performance do sistema ao longo do tempo. O PEFA ou ‘Quadro de Avaliação de Finanças Públicas’ já foi utilizado para a realização de mais de 200 avaliações a nível do mundo.

DADOS PRELIMINARES DA BLOOMBERG

Angola com a produção mais baixa desde que aderiu à OPEP

Angola pode ter atingido, em Janeiro, a exportação mais baixa desde que aderiu à OPEP, ao exportar cerca de 1,05 milhões de barris/dia quando, em 2007, ano de adesão, vendia cerca de 1,5 milhões de barris/dia. Os números preliminares da exportação de Janeiro foram revelados pela agência norte-americana Bloomberg, citando a compilação de dados de rastreio de petroleiros. Caso se confirmem os números revelados pela Bloomberg, a redução, face à produção de Dezembro, seria de 117 mil barris/dia. No último mês de 2020, Angola produziu cerca de 1.167 mil barris/dia, de acordo com

os dados da OPEP, baseados em fontes secundárias. A considerável redução é atribuída a problemas técnicos e, sobretudo, à necessidade de Angola compensar o excesso de produção ao longo dos primeiros nove meses do acordo de corte em vigor desde Março de 2020. Os dados citados pela Bloomberg dão ainda conta que, em Janeiro, as exportações de petróleo da África Ocidental caíram para o nível mais baixo em pelo menos três anos, ao passarem de 3,8 para 3,41 milhões de barris por dia de Dezembro a Janeiro. Para a redução, também contribuiu a redução para 1,37 milhões barris/dia as exportações nigerianas, o mínimo em quatro anos, devido a problemas de infraestrutura.

DEPUTADA APONTA “VALOR ECONÓMICO E ESTRATÉGICO INCONTORNÁVEL”

Reprivatização da Efacec contestada em Portugal

A Efacec tem “um valor económico e estratégico incontornável que pode ser o motor da transição energética” de Portugal, de acordo com a deputada do Bloco de Esquerda Isabel Pires. A deputada falava na Assembleia da República de Portugal, durante a discussão sobre duas apreciações parlamentares ao decreto-lei da nacionalização, na última sexta-feira, tendo, desta feita, se manifestado contra a reprivatização da empresa



depois da nacionalização. A Efacec era detida em cerca de 71,7% por capitais angolanos por intermédio da Winterfell, controlada maioritariamente Isabel

dos Santos, que tinha como parceira a empresa pública de distribuição de energia, a ENDE (16%), depois de uma aquisição concluída em 2015, altura

em que a empresa se encontrava em estado de pré-falência, situação invertida nos anos subsequentes. No entanto, o governo português decidiu pela nacionalização da empresa em Julho de 2020, justificando que a empresa se encontrava “numa situação de grande impasse accionista desde que, na sequência do processo Luanda Leaks, foi decretado o arresto da participação social” de Isabel dos Santos. A Winterfell apresentou, entretanto, uma acção de impugnação no Supremo Tribunal Administrativo, de forma a anular a decisão do governo português.